

Curso de Extensão Universitária  
A Precariedade do Trabalho no Capitalismo Global

**Aula 3**

**Análise do Filme**

**“A Classe Operária Vai Ao Paraíso”**



O capitalismo industrial, desde que emergiu no século XIX, e se desenvolveu no século XX, no plano mundial, como capitalismo monopolista, se caracterizou por um traço essencial: a produção da mais-valia relativa. Na verdade, trata-se de um elemento obsessivo da ontologia do capital como “sujeito automático” da valorização do valor, a produção da mais-valia relativa. Não é à toa que Karl Marx intitula a seção IV do Livro I de “O Capital – Crítica da Economia Política” de “A produção da Mais-Valia Relativa”, depois de tratar de mercadoria e dinheiro, a transformação do dinheiro em capital e a produção da mais-valia absoluta. É um momento de inflexão fundamental da lógica expositiva do movimento constitutivo do capital. Depois Marx iria tratar – na ordem da exposição do Livro I - da produção da mais-valia absoluta e relativa, o salário e o processo de acumulação do capital.

# Curso de Extensão Universitária

## A Precariedade do Trabalho no Capitalismo Global

Enfim, a produção da mais-valia relativa significa o incremento da produtividade da força de trabalho por meio de inovações técnico-organizacionais que propiciam a redução do tempo de trabalho necessário para a produção de mercadorias (é importante salientar que a principal mercadoria é a mercadoria “força de trabalho” que, na medida em que é desvalorizada, contribui sobremaneira para o aumento da taxa geral de mais-valia). Diz Marx: “É impulso imanente e tendência constante do capital aumentar a força produtiva do trabalho para baratear a mercadoria e, mediante o barateamento da mercadoria, baratear o próprio trabalhador.”

Deste modo, o aumento da produtividade do trabalho possui um significado essencial: a desvalorização da força de trabalho como mercadoria e – por conseguinte – a desefetivação humano-genérica do trabalho vivo, onde a degradação da saúde do trabalhador – no tocante a sua dimensão da subjetividade do homem que trabalha – é sua principal forma de manifestação.

Por isso, o eixo temático principal do filme “A classe operária vai ao paraíso”, de Elio Petri, articula, por um lado, inovações técnico-organizacionais – a introdução, numa fábrica metalúrgica, de um novo sistema de controle da produção (as quotas) e, por outro lado, elementos de degradação do trabalho vivo explicitada num fato narrativo de ampla significação: a perda do dedo do operário Lulu e o espectro da loucura que lhe apavora. Ao mesmo tempo, articula-se em torno da degradação do trabalho vivo intrínseca à produção da mais-valia relativa, o movimento de resistência contingente e necessária do proletariado.

No filme “A classe operária vai ao paraíso”, de Elio Petri (Itália, 1971), Lulu Massa é um operário consumido pelo capital e cujo trabalho estranhado consome sua vida. A fábrica adota sistema de quotas (metas) que intensifica a produção. Lulu é o operário-padrão da fábrica, sendo hostilizado pelos outros companheiros de chão de fábrica. Após perder um dedo na máquina, Lulu adota uma atitude crítica ao modelo de exploração, confrontando a gerência. Os operários – situação e oposição sindical contestam as cotas. Após uma greve,

# Curso de Extensão Universitária

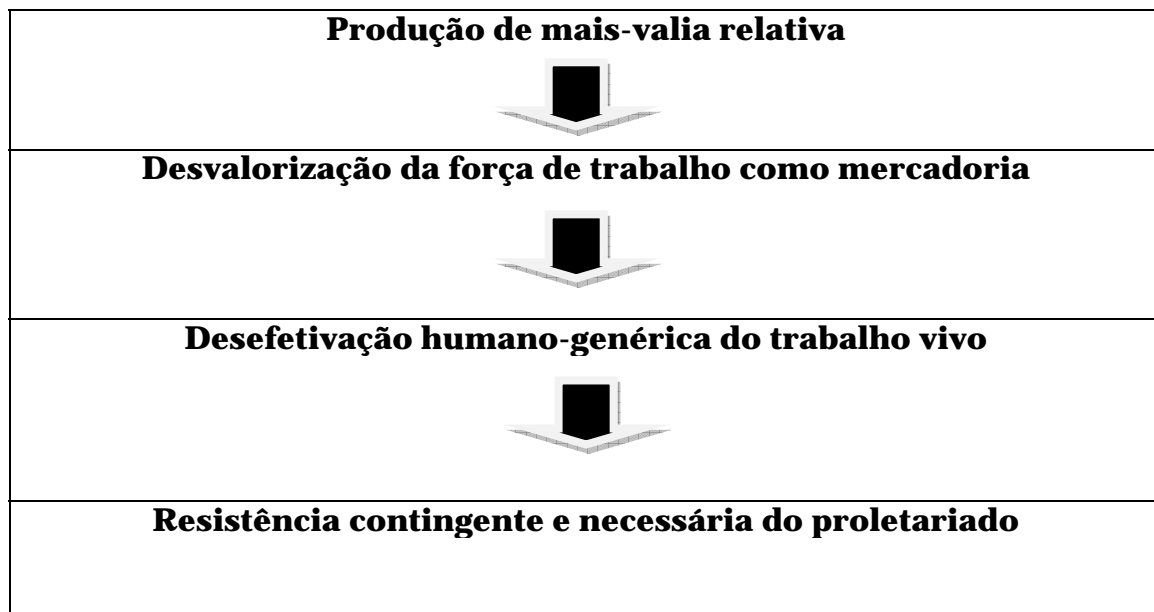
## A Precariedade do Trabalho no Capitalismo Global

Lulu é demitido. Depois de negociações consegue ser readmitido na fábrica voltando a linha de produção, reintegrando-se ao coletivo de trabalho. Por conta da mobilização operária, o sistema de cotas é revisto pela direção da fábrica.

Deste modo, podemos caracterizar a estrutura lógico-explicativa da análise crítica do filme de Elio Petri a partir de dois importantes eixos: primeiro, produção de mais-valia relativa (inovação técnico-organizacional do capital), desvalorização da força de trabalho como mercadoria, degradação do trabalho vivo (saúde do trabalhador) e resistência contingente e necessária do proletariado. Segundo, capital consome trabalho vivo e trabalho estranhado consome vida. Os dois eixos explicativos da estrutura narrativa do filme constituem os traços essenciais do que seria a precarização (e precariedade) do trabalho no capitalismo global.

### **A Precarização do Trabalho no Capitalismo Global**

#### **Eixo 1**



# Curso de Extensão Universitária

## A Precariedade do Trabalho no Capitalismo Global

### Eixo II

<b>Capital Consome Força de Trabalho e Trabalho Vivo</b>
<b>Trabalho Estranhado Consome Vida</b>

É importante salientar que o filme “A classe operária vai ao paraíso”, de 1971, surge num contexto histórico de crise e lutas operárias nos EUA e Europa Ocidental – com destaque para a Itália. Na virada para década de 1970, a economia capitalista mundial apresenta sinais de clara deterioração nas margens de lucro das corporações capitalistas. O ciclo virtuoso do fordismo-keynesianismo estava se esgotando. A crise na organização do trabalho fordista-taylorista, sob pressão do sindicalismo organizado, era flagrante. Estamos no limiar da temporalidade histórica de crise estrutural do capital.

Nos países capitalistas de organização histórica da classe operária, como a Itália, os conflitos fabris cresceram. Os dois últimos anos da década de 1960 trouxeram à tona uma expressiva ascensão do caráter reivindicatório dos movimentos sociais existentes no território italiano. Se, em 1968, foi o movimento estudantil que deu o tom da ofensiva, alinhando-se com aquilo que vinha acontecendo em várias partes do planeta, no ano de 1969 foi a hora e a vez do movimento operário fazer avançar as manifestações contra a ordem capitalista, por meio de um conjunto de movimentações que entraram para a história da Itália como o "outono quente". Iniciado no mês de setembro de 1969 com a greve dos operários metalúrgicos, no momento da renovação dos seus contratos de trabalho, o "outono quente" alastrou por toda a Itália uma verdadeira avalanche de greves, passeatas e confrontos com as forças policiais, num crescendo que acabou por impulsionar até mesmo um singular movimento de luta por moradia. Na esteira dessa multifacetada mobilização, advieram palavras de ordem extremistas que enfatizavam a necessidade de estruturação

## Curso de Extensão Universitária

### A Precariedade do Trabalho no Capitalismo Global

de organizações extra-parlamentares voltadas para a formação de um poder operário autônomo em relação às instituições da democracia representativa. A partir de então, começaram a se formar na Itália agrupamentos políticos de extrema-esquerda críticos em relação aos caminhos trilhados pelo PCI. É neste contexto da luta de classes na Itália que Elio Petri e Ugo Pirro escreveram o roteiro do filme.

A obsessão pelo incremento da produtividade do trabalho por meio de inovações técnico-organizacionais – causalidade essencial da reestruturação produtiva do capital – que iria marcar sobremaneira a nova temporalidade histórica do capitalismo global, tende a esgarçar as candentes contradições objetivas do sistema produtor de mercadorias. É o que explica, por exemplo - no plano fenomênico – a série de manifestações reestruturativas no ser social do capitalismo nas últimas décadas do século XX que buscam constituir uma nova forma social no interior da qual podem se desenvolver tais contradições da ordem burguesa hipertardia. Deste modo, a constituição do Estado neoliberal – que inclusive entra em crise nas primeiras décadas do século XXI - é a forma de estatalidade política adequada à nova etapa de crise estrutural do capital (deve-se observar que o Estado moderno do capital padece de uma crise estrutural de legitimidade e a adequação do Estado neoliberal à nova ordem burguesa é uma adequação problemática – e intrinsecamente contraditória - na medida em que necessidades objetivas da economia capitalista exigem – ao contrário do que reza a cartilha liberal - a intervenção paulatina do Estado).

Do mesmo que no filme “A classe operária vai ao paraíso”, em “Tempos Modernos”, de Charles Chaplin, é a problemática da mais-valia relativa – e obsessão pela produtividade do trabalho, traço que marcaria o capitalismo do século XX, que constitui o mote narrativo. O que demonstra que a intensificação do ritmo de produção das mercadorias, com impactos dilacerantes nas individualidades pessoais de classe, é a problemática crucial da modernidade do capital em sua etapa de capitalismo industrial.

## Curso de Extensão Universitária

### A Precariedade do Trabalho no Capitalismo Global

Sob o domínio da produção da mais-valia relativa, a condição de proletariedade moderna incorpora novas determinações sociais. Na medida em que se amplia a proletariedade na sociedade burguesa, com o avanço do processo de proletarização e constituição de uma massa da humanidade totalmente destituída de propriedade (como observou Marx na “Ideologia Alemã”) – no sentido de propriedade dos meios de produção da vida social, hoje concentrada nas mãos do oligopólio mundial do capital – a produção de mais-valia relativa imprime a sua marca na totalidade concreta da vida social. A expansividade do capital significa a posição da totalidade social como produção do capital. Inclusive no filme de Elio Petri, como iremos salientar adiante, é perceptível a idéia da totalidade social como fábrica.

No plano onto-metodológico, a condição de *proletariedade moderna* – que é uma condição existencial - implica a *totalidade concreta da vida social* – trabalho e cotidianidade – das *individualidades pessoais de classe* subsumidas ao trabalho assalariado e a relação-capital. É essa implicação paradoxal – trabalho e vida/vida e trabalho – que marca a existência humano-social do homem que trabalha nas sociedades burguesas.

No filme “A classe operária vai ao Paraíso”, o metalúrgico Lulu, sob pressão do trabalho estranhado, torna-se um proletário em processo de desefetivação humano-genérica. Sua capacidade de fruição vital está sendo “capturada” (e *obliterada*) pelo trabalho capitalista na fábrica, onde ele é apenas força de trabalho. Ora, o modo de produção capitalista tende, num primeiro momento, a reduzir o trabalho vivo à força de trabalho como mercadoria, obliterando o desenvolvimento das individualidades humano-genéricas. Depois, ocorre a substituição da força de trabalho como mercadoria por trabalho morto – eis a supressão última do trabalho vivo.

Utilizamos o conceito de *trabalho vivo* como sendo a capacidade humano-genérica que se constituiu através do trabalho como categoria ontológica fundante (e fundamental) do ser social e que diz respeito a individualidade humana integral em sua atividade de fruição vital (trabalho vivo

## Curso de Extensão Universitária

### A Precariedade do Trabalho no Capitalismo Global

se contrapõe a trabalho morto ou trabalho objetivado como manifestação do trabalho social sob a forma antagônica do capital e do assalariamento). O homem como ser social é ontologicamente trabalho vivo. Por outro lado, *força de trabalho* seria a capacidade físico-espiritual que produz valores de uso do homem que trabalha. É uma dimensão das individualidades humano-genéricas vinculada à luta pela sobrevivência/existência do homem como espécie. O desenvolvimento do processo civilizatório implica a potencialização progressiva da força de trabalho do homem por meio do desenvolvimento da força produtiva do trabalho social.

Ora, sob o modo de produção capitalista ocorre uma dupla perversão do processo civilizatório – que é o cerne essencial do problema da alienação/estranhamento: (1) a transformação da força de trabalho em mercadoria e (2) o desenvolvimento da força produtiva do trabalho social por meio da desvalorização da força de trabalho como mercadoria, o que implica a substituição de trabalho vivo por trabalho morto.

Assim, a produção de mais-valia relativa tende a significar a substituição de trabalho vivo por trabalho morto no sentido da introdução da máquina na produção de mercadorias. Portanto, sob o capitalismo da grande indústria a desvalorização da força de trabalho como mercadoria significa não apenas a descartabilidade da força de trabalho da produção social, mas a própria do supressão do trabalho vivo no sentido da desefetivação humano-genérica (que vai da *animalização* ou barbárie social à própria morte). A vigência do trabalho morto é o domínio da barbárie social (no filme, como iremos ver adiante, existem várias passagens de remissão à *animalização* do homem).

Na análise crítica do filme “A classe operária vai ao paraíso”, de Elio Petri, iremos privilegiar três movimentos reais que constituem a estrutura narrativa do filme – (1) o capital consumindo força de trabalho (produção fordista); (2) o trabalho estranhado consumindo a vida cotidiana das individualidade de classe, o trabalho vivo – no caso, o personagem Lulu Massa e (3) a resistência da classe em si contra a exploração e opressão capitalista.

# Curso de Extensão Universitária

## A Precariedade do Trabalho no Capitalismo Global

### **1. Fábrica fordista: capital consumindo força de trabalho (e trabalho vivo)**

O filme “A classe operária vai ao paraíso” expõe a dimensão da produção de mercadorias sob a fábrica fordista com seu controle de tempos e movimentos e o desgaste cotidiano. O capital como relação de assalariamento na produção consome o trabalho vivo como força de trabalho.

A fábrica fordista é a fábrica dos operários-massa, constituído pela multidão de homens e mulheres proletários, trabalhadores assalariados, homens e mulheres anônimos, submetidos ao trabalho estranhado.

A fábrica fordista, em geral, era constituída por grandes estabelecimentos fabris com seus conjuntos de máquinas automáticas que ocupavam imensos espaços territoriais de produção e administração, onde se concentrava a massa da força de trabalho (o *trabalhador coletivo*).

Foi Henry Ford, fundador da Ford Motor Company, que em 1915 inovou a organização da fábrica capitalista, criando a produção em massa, que significava a produção em série de mercadorias utilizando-se uma linha de montagem acoplada a esteira mecânica. Ao lado dela, como apêndices do conjunto de máquinas automáticas, um exército de operários parcelares, sob controle estrito do capataz, executando movimentos monótonos e repetitivos em seu posto de trabalho.

Ford incorporou na organização científica do trabalho, idealizada por Frederick Taylor, em fins do século XIX, o arcabouço técnico-mecânico da grande indústria (por isso, a inovação capitalista tem o nome de modelo de produção fordista-taylorista). Taylor concebeu na organização da produção capitalista a separação entre execução e concepção e o estrito controle de tempos e movimentos dos operários e empregados visando maior rendimento da força de trabalho. Por exemplo, a presença de engenheiros de produção no



## Curso de Extensão Universitária

### A Precariedade do Trabalho no Capitalismo Global

interior da fábrica capitalista é inovação taylorista. Por outro lado, Ford deu um passo adiante adotando um arcabouço técnico-mecânico para a organização científica do trabalho (a linha de montagem acoplada a esteira mecânica). A idéia da organização fordista de produção em massa seria adotada – e aprimorada – por outras empresas capitalistas. Ela marcaria a produção capitalista no século XX, sendo adotada – com adaptações – por setores industriais, escritórios e inclusive administração pública. A forma material do fordismo-taylorismo tornou-se adequada para expressar a forma social do capital como trabalho abstrato ou trabalho estranhado que subsume o trabalho vivo, reduzindo a força de trabalho a mercadoria.

O organismo da produção em massa fordista-taylorista seria constituído por um corpo de operários especializados – no sentido de semi-qualificados – apendicizados pela máquina e executando um trabalho simples, monótono e repetitivo. A produção em massa implicou na constituição de operários-massa. Mas a idéia de operário-massa não diz respeito apenas a sua natureza *numérica* (os grandes estabelecimentos fabris concentravam milhares e milhares de operários), mas a sua indiferenciação pessoal decorrente da redução do trabalho vivo à força de trabalho como mercadoria.



**Operários-massa**

## Curso de Extensão Universitária

### A Precariedade do Trabalho no Capitalismo Global

Além disso, sob o ponto de vista sociológico, a idéia de “massa” se contrapõe à idéia de classe social “em si” e “para si”. Enquanto operários-massa, os trabalhadores assalariados da fábrica capitalista não são classe social. São meramente a “classe” imersa na condição de proletariedade. Na medida em que se organizam em sindicatos e lutam contra o capital, tornam-se *classe em si* e negam a condição de operário-massa instituída pela fábrica fordista. A verdadeira crise do fordismo começa quando o operário-massa deixa de sê-lo e contesta a disciplina/controla no processo de trabalho. O filme de Elio Petri é o filme que trata da *crise do operário-massa*.

No filme “Tempos Modernos”, Charles Chaplin temos nos apresentou – nas primeiras cenas do filme - elementos da *fábrica fordista, com os operários-massa sendo caracterizados por Chaplin com a metáfora de ovelhas submissas* (o curioso é que, se olharmos bem, existe uma *ovelha negra* entre elas) – destaca-se ainda como elementos da fábrica fordista, *grandes estabelecimentos fabris e imenso conjunto de máquinas automáticas, com uma linha de montagem acoplada à esteira mecânica*. O controle do ritmo e movimento dos operários é dado pela máquina automática (René Clair em seu clássico filme “À Nós a Liberdade”, de 1931, nos apresentou também em suas cenas magistrais, a anatomia da fábrica fordista-taylorista).

Na fábrica fordista, além dos operários da linha de produção, operários-ferramenteiros que lidam com o torno mecânico, o chão de fábrica incorpora operários da limpeza e transporte de material, funções indispensáveis para o andamento da produção. Operários de transporte e limpeza são *trabalhadores produtivos* no interior do *trabalhador coletivo* da B.A.N, a fábrica metalúrgica do filme (talvez como sintoma da abstratidade do capital, não sabemos o significado da sigla B.A.N.). Os operários de transporte e limpeza não produzem diretamente a mercadoria, mas exercem indispensável atividade de apoio e preparação no interior do próprio processo de produção. (por exemplo, no filme, a jovem Adalgiza exerce a função de transporte de material, circulando pelo chão da fábrica, alimentando os operários com peças e componentes. É a

## Curso de Extensão Universitária

### A Precariedade do Trabalho no Capitalismo Global

operária que flui e circula entre operários fixos em seus postos de trabalho. O trabalho capitalista é um *trabalho combinado* – trabalho social constituído como trabalhador coletivo do capital.

Foi o capital que constituiu a figura do trabalhador coletivo. A constituição do *trabalhador coletivo* ou *trabalhador combinado* significa, em si, o desenvolvimento da força produtiva social do trabalho ou da força produtiva do trabalho social. O capitalista compra a força de trabalho individual isolada, mas ao fazê-lo cooperar, obtém um “renda relacional” que provém da força combinada não-paga do trabalhador combinado. *A força produtiva social do trabalho*, segundo Marx, é uma força gratuita que não custa nada ao capital e, por outro lado, não é desenvolvida pelo trabalhador antes que seu próprio trabalho pertença ao capital.

Na verdade, como observa Marx, “como pessoas independentes, os trabalhadores são indivíduos que entram em contato com o mesmo capital, mas *não* entre si.” Na medida em que só começam a cooperar no processo de trabalho como processo de valorização, eles já deixaram “de pertencer a si mesmos”. E destaca: “Como cooperadores, como membros de um *organismo que trabalha*, eles não são mais do que um *modo específico de existência do capital*”. Por isso, o *trabalhador coletivo* aparece como trabalhador coletivo do capital: “A força produtiva que o trabalhador desenvolve como trabalhador social é, portanto, força produtiva do capital”.

Na medida em que o operário-massa da produção fordista-taylorista é um operário semi-qualificado, a sua aprendizagem das tarefas fabris é aligeirada. Por exemplo, no filme, Lulu, como operário-padrão da B.A.N., recebe do engenheiro de produção, a incumbência de treinar jovens operários que chegaram à fábrica, vindo de regiões periféricas na Itália. Lulu – como operário-padrão - exerce um *duplo sobretrabalho*: executa suas tarefas no chão-de-fábrica, produzindo mais-valia; e, ao mesmo tempo, treina jovens operários recém-chegados na fábrica. Nesse, momento, Lulu está imerso na produção. Reclama que os aprendizes lhe tiram a atenção. Os jovens operários, ingênuos e

## Curso de Extensão Universitária

### A Precariedade do Trabalho no Capitalismo Global

amigáveis, logo se apresentam para Lulu. Mas a dureza de Lulu é a dureza da vida operária. “Não me interessa seu nome”, diz ele. Sob a ditadura do trabalho abstrato, nomes pessoais não interessam.

Um importante aspecto da fábrica fordista no filme “A classe operária vai ao paraíso” é que ela é uma fábrica de operários imigrantes vindo de regiões periféricas da Itália – no caso do filme - convergem para os centros de acumulação de capital em busca de emprego: Tarcisio Menna, veio da Manfredonia; Salvatore Quaranta, de Lecce; Adalgisa Stachi, do Bassoticino; e o personagem principal do filme, Ludovico Massa (vulgo “Lulu”), veio da Lombardia. Entre operários imigrantes dissemina-se preconceitos cultivados pela ordem burguesa. Os sulistas – ou *meridionais*, da Sicília, por exemplo, são considerados lerdos e indispostos ao trabalho pesado. Lulu diz: “Já chegam cansados e eu os supero no ritmo”.

No restaurante da fábrica B.A.N. temos um momento de sociabilidade operária. Entretanto, mesmo no restaurante, o tema é trabalho. Os operários conversam e se apresentam. Lulu conversa com os operários aprendizes. A discussão trata de como obter melhor desempenho na produção visando ganhar mais. Ao produzir acima da quota, Lula ganha um bônus de produtividade. Lulu conta qual seu segredo para obter alta produtividade do trabalho. Na verdade, nesse momento, o operário Lulu transmite para os jovens aprendizes, o espírito da consciência burguesa, transpondo para o local de trabalho, a lógica social da sociedade civil burguesa – que ele considera a lógica da vida. “A vida é uma competição”, diz ele. Nesse caso, o capital incentiva a *competição* entre operários para obter maior produtividade do trabalho. Não se trata ainda do “trabalho em equipe”, mas da pura competição entre operários visando ir além da quota estipulada pela empresa. A recompensa é ganhar mais. Ao visar a competição, o operário tende a considerar o companheiro de trabalho um adversário a ser vencido. Dilacera-se a solidariedade de classe. O jovem operário houve atentamente as lições de vida (e trabalho) de Lulu.

# Curso de Extensão Universitária

## A Precariedade do Trabalho no Capitalismo Global



A fábrica capitalista é um templo do trabalho abstrato. Logo na entrada da metalúrgica B.A.N. – sigla que desconhecemos o significado – se coloca a estátua de um operário. Ela realça – quase num estilo do realismo socialista - a determinação e vigor físico do homem operário. É o homem operário, como *persona* do trabalho abstrato, que produz valor. O capital o deifica na medida em que ele *funciona*. A estátua recepciona, dia-a-dia-, as turmas de operários que entram para as atividades fabris. No restaurante da fábrica, existe outra estátua – talvez o busto do fundador da metalúrgica, o capitalista objetivado que controla com seu olhar pétreo a refeição dos operários e operárias.

O território da fábrica capitalista sob o fordismo-taylorismo é o *território do controle/disciplina explícita*, com o despotismo fabril se manifestando por meio da presença constante dos capatazes/engenheiros de produção controlando a pulsão do organismo mecânico e a exploração da força de trabalho. O controle capitalista permeia o território da produção, seja na forma do olhar vigilante das chefias, seja com recursos audio-visuais (cartazes e anúncios de recepção e informe da gerencia da produção). Todos os dispositivos de controle possuem um *telos* absoluto: o aumento da produtividade do trabalho visando a extração de mais-valia relativa.

## Curso de Extensão Universitária

### A Precariedade do Trabalho no Capitalismo Global

Por exemplo, no filme, todo dia, ao entrarem no local de trabalho, os operários ouvem a exortação do capital, com uma *voz suave e carinhosa*. Diz a gerência: “Trabalhadores, bom dia, a direção da fábrica lhes deseja bom trabalho. Para seu interesse, tratem com amor a máquina que lhes foi confiada. Cuidem da sua manutenção. As medidas de segurança devem ser respeitadas.. Sua saúde depende da sua relação com a máquina. Respeitem suas exigências e lembrem-se que: máquina mais atenção é igual a produção. Bom trabalho.”

A voz suave, quase melodiosa, do gerente do capital - que se contrasta, por exemplo, com os *discursos agitados e raivosos* da militância sindical de esquerda nos megafones - é um modo midiático de “captura” da subjetividade do trabalho, que busca *cuidar* do operário, poupando-o, pelo menos na recepção cotidiana, do *stress*. O capital explora, no processo de “captura” da subjetividade do trabalho, *dimensões emocionais* do homem que trabalha. A suavidade e o carinho do capital são disposição instrumentais, meramente manipulatórias, visando tão-somente preservar a capacidade pessoal de *produção*. A Produção é Tudo! Eles se dirigem para a instância do trabalho vivo, que – ironicamente – é a instância humana que o capital busca a reduzir a mera força de trabalho como mercadoria.

O discurso gerencial *fetichiza* a máquina, atribuindo-lhe quase uma natureza humana. Ora, apenas um ser humano é objeto de amor. Tratar com amor significa dar atenção e cuidar da sua manutenção *com carinho*, visando a auto-preservação. Temos uma inversão típica da relação fetichizada do capital: humaniza-se as coisas e coisifica-se os homens. As máquinas tornam-se objetos de amor e os homens meras mercadorias como força de trabalho, elementos numerários da contabilidade empresarial.

O controle fabril mostra que as “medidas de segurança no trabalho” não significam preocupação com a saúde do trabalhador. Eles têm um compromisso com a produtividade do trabalho visando a extração de mais-valia relativa pelo capital. Por exemplo, no filme, o capataz exige que o operário trabalhe em pé

## Curso de Extensão Universitária

### A Precariedade do Trabalho no Capitalismo Global

tendo em vista que tal postura significa produzir mais, apesar de que pode implicar em sérios problemas de saúde para o trabalhador assalariado.

Diz o discurso gerencial no filme: “Sua saúde depende de sua relação com a máquina”. Mas o que se observa é o *primado da produção* que se impõe sobre a saúde do trabalhador. Na verdade, o que menos interessa é a saúde do trabalho vivo – talvez, o capital tenha “preocupação” com a saúde da força de trabalho como mercadoria na medida em que signifique a preservação da capacidade de produção do capital. Ora, como o organismo mecânico do capital é *devorador*, consumindo irremediavelmente a força de trabalho - Marx diria: “O movimento do capital é insaciável” – justifica-se a “preocupação” gerencial com as medidas de segurança no trabalho. Entretanto, a preocupação gerencial é uma *falsa preocupação* – ela se restringe a aspectos operacionais no manejo das máquinas que, se não forem respeitados pelo operador redundará em parada na produção e prejuízos para a empresa capitalista.

Embora as medidas de segurança no local de trabalho devam ser respeitadas para se evitar acidentes de trabalho, a saúde do trabalhador não depende apenas da sua observância. Pelo contrário, as medidas de segurança no trabalho não tratam (e ocultam) a verdadeira *insegurança* que *desefetiva* o trabalhador assalariado: a natureza do *trabalho estranhado*.

No filme, o controle do capital no local de trabalho se expressa também na saída da fábrica – território do despotismo capitalista – quando operários, selecionados pela máquina são revistados (ironicamente, o dispositivo automático possui a curiosa denominação de “Imparcial”). “Vermelho. Pra revista” – acusa a vigilância. O operário selecionado diz: “Eu não roubo”. O guarda da segurança diz: “Não é a mim que deve dizer isso”. Esta é mais um exemplo da lógica capitalista da *culpabilização da vítima*. Ocorre, nesse caso, uma inversão estranhada. No sistema do capital, os expropriados são suspeitos (e acusados) de serem os expropriadores.

## Curso de Extensão Universitária

### A Precariedade do Trabalho no Capitalismo Global

Nesta cena do filme, os estudantes agitadores da extrema-esquerda, portadores da *teoria* materialista, vociferam na saída da fábrica: “Operário, não de se deixe revistar! A violência patronal te revista todo. Revista o teu corpo e a tua mente. Para os patrões os ladrões são vocês, mas na verdade são eles os ladrões. Temos que revistar as contas bancárias dos patrões engordados com o sangue, com a vida e o trabalho dos operários. Não permitam que revistem seus corpos e suas mentes.” O estudante barbudo da extrema-esquerda provoca de forma contínua Lulu, questionando-o sobre suas atividades no tempo livre. O *conteúdo* do discurso *radicalista* é verdadeiro, mas a sua *forma* perverte sua intencionalidade (talvez, não se conscientiza, mas provoca - e estressa - os operários).

A morfologia sócio-técnica da fábrica capitalista é constituída por um corpo de *máquinas-ferramentas* que incorporam um contingente de *força de trabalho* que, como trabalho vivo, “contrapõe-se” ao trabalho morto (as máquinas-ferramentas e o conjunto do complexo fabril). A produção fordista é caracterizada pela relação “um operador e sua máquina-ferramenta” ou ainda, “um conjunto de operadores e a linha de montagem acoplada a uma esteira mecânica”.

No filme, a *máquina-ferramenta* de Lulu fabrica peças *abstratas*. O velho Militina percebeu isso quando se interrogou: “O que fabricamos naquela fábrica? Pra que servem aquelas peças...milhões de peças?”. Na fábrica do filme “Tempos Modernos”, também nos interrogamos: o que se fabrica naquela fábrica?. É o cúmulo da irracionalidade do capital como produto do trabalho abstrato. Na medida em que o trabalho produtor de valor é o trabalho abstrato, a natureza qualitativa do que se produz pouco interessa à lógica capitalista. Apesar do valor de troca ser dependente do valor de uso, em si, ele o despreza. Nos lembremos que foi a relação estranhada do produtor com o produto que enlouqueceu o velho Militina (como iremos ver adiante). Na sua conversa com Militina, Lulu disse que sabe que faz peças que pertence a outra máquina que serve a um motor...que porém não está ali. E Militina irônico observou: “Ah, não



## Curso de Extensão Universitária

### A Precariedade do Trabalho no Capitalismo Global

está ali?”. Eis a lógica do trabalho estranhado: *abstratividade de propósito e ausência de resultados concretos*.

O trabalho monótono e repetitivo da fábrica fordista exige mera *atenção e cuidado com a máquina*, liberando, nesse caso, os recursos da *dialogicidade e fantasias* do operador – na produção fordista-taylorista, a *cabeça* está separada do *corpo* (eis o princípio taylorista da separação entre execução e concepção).

A relação de Lulu, o ferramenteiro, com seu torno mecânico, é uma relação quase afetiva que mobiliza toda sua corporalidade viva (cabeça, tronco e membros). Ele se prepara com atenção e cuidado para enfrentar a máquina como se preparando para um duelo de vida ou morte. Há uma tensão cotidiana que consome *corpo e mente* do operário – isto é, a subjetividade do trabalho vivo e força de trabalho.

Em “Americanismo e fordismo”, Antonio Gramsci, observou que o taylorismo rompeu o velho nexos psicofísico do trabalho profissional qualificado, que exigia uma determinada participação ativa da inteligência, da fantasia, da iniciativa do trabalhador” e buscou desenvolver no trabalhador, ao máximo, as atitudes maquinais e automáticas. Gramsci observou que no taylorismo, a qualificação é medida “a partir de seu desinteresse intelectual, da sua mecanização”.

Entretanto, Gramsci indicaria que uma das contradições viscerais do taylorismo, que iria contribuir para a crise do processo de trabalho capitalista nas década de 1960/1970, é que, com Taylor, só o gesto físico mecanizou-se inteiramente, deixando livre o cérebro para outras ocupações. Eis o “calcanhar de Aquiles” do fordismo-taylorismo: no taylorismo-fordismo, o homem produtivo tem muito mais possibilidade de pensar, inclusive pensamento pouco conformista. Gramsci observa que os industriais norte-americanos compreenderam muito bem “esta dialética inerente aos novos métodos industriais”. Diz ele: “Compreenderam que ‘gorila domesticado’ é apenas uma frase, que o operário continua ‘infelizmente’ homem e, inclusive, que *ele*,

## Curso de Extensão Universitária

### A Precariedade do Trabalho no Capitalismo Global

*durante o trabalho pensa demais* ou, pelo menos, tem muito mais possibilidade de pensar, principalmente depois de ter superado a crise de adaptação. *Ele não só pensa, mas o fato é que o trabalho não lhe dá satisfações imediatas, quando compreende que se pretende transformá-lo num gorila domesticado, pode levá-lo a um curso de pensamento pouco conformista*".

No filme "A classe operária vai ao paraíso", Lulu executa gestos maquinais e automáticos, deixando livre o cérebro para a fantasia com a bunda de Adalgisa. Nesse caso, temos o que poderíamos denominar de técnica da *sublimação às avessas* que torna o operário Lulu, um campeão de produtividade. Na medida em que o trabalho não lhe dá satisfação imediata e ele *optou* por ser um campeão de produtividade. Lulu dribla o sofrimento do trabalho estranhado, apegando-se a fantasias sexuais. Ao invés de ocupar seu cérebro com "pensamentos pouco conformista", Lulu se concentra em outro mundo: "Cada peça é um buraco; cada buraco é uma peça; para não cair no buraco, penso na Adalgisa." E diz: "Eu me concentro na bunda da Adalgisa e vou: uma peça, uma bunda".

O operário Lulu opera uma curiosa inversão na sua disposição íntima para emular um melhor desempenho no trabalho: tendo em vista que a fábrica o aborrece, ele trabalha. Nesse caso, o trabalho é *válvula de escape* para um aborrecimento existencial. Entretanto, a totalidade social é uma imensa fábrica. Por isso, a válvula de escape falha. A vida pessoal de Lulu o aborrece. Nesse caso, temos uma *sublimação às avessas* – Lulu descarrega suas energias vitais reprimidas no trabalho estranhado. Ocorre a inversão sinistra indicada por George Orwell no romance *1984*: "Liberdade é Escravidão; Paz é Guerra". Diríamos: *Vida é Morte*.

A inversão estranhada, nódulo racional da sublimação às avessas, é um traço distintivo do trabalho estranhado. Disse Marx: "...quanto mais poderoso o trabalho, mais impotente o trabalhador se torna; quanto mais rico de espírito o trabalho, mais pobre de espírito e servo da natureza se torna o trabalhador. [...] Esta relação é a relação do trabalhador com a sua própria atividade como uma

## Curso de Extensão Universitária

### A Precariedade do Trabalho no Capitalismo Global

[atividade] estranha não pertencente a ele, *a atividade como miséria, a força como impotência, a procriação como castração*. A energia espiritual e física própria do trabalhador, a sua vida pessoal - pois o que é vida senão atividade - como uma atividade voltada contra ele mesmo, independente dele, não pertencente a ele. O estranhamento-de-si (*Selbstentfremdung*), *tal qual acima o estranhamento da coisa.*” (Karl Marx, “*Manuscritos Econômico-Filosóficos*”, 1844)

A técnica de Lulu é *conversar pouco* e divagar na *fantasia da bunda* – a bunda de Adalgisa. A fantasia sexual de Lulu (como a Nona Sinfonia de Beethoven, para Alex, em *Laranja Mecânica*, de Stanley Kubrick), é o *recurso sublimativo invertido* que permite a ele se sentir como homem livre e ativo mesmo sendo mero *agente reiterativo* da ordem opressivo do capital. Nesse caso, o humanamente sublime se interverte em *medium* sublimatório para a reiteração do estranhamento humano. Eis a suprema contradição: a *forma humana* tende a denunciar o *conteúdo alienado* (animal). Mais uma passagem dos Manuscritos econômico0filosóficos, de Karl Marx, explicita outra dimensão da inversão estranhada que está na base da *sublimação às avessas*. Diz Marx: “O homem (o trabalhador) só se sente como [ser] livre e ativo em suas *funções animais*, comer, beber e procriar, quando muito ainda habitação, adornos etc, e em suas *funções humanas* só [se sente] como animal. *O animal se torna humano, e o humano, animal*”. (Karl Marx, “*Manuscritos Econômico-Filosóficos*”, 1844)

Na fábrica fordista, o templo da exploração disciplinar do corpo e mente do trabalhador assalariado, qualquer dispersão físico-espiritual é um atentado à dogmática do capital. Como Jeová, o Capital é um Deus que exige dedicação exclusiva. Numa das cenas do filme, o supervisor do chão de fábrica arranca uma foto de mulher nua afixada na parede da fábrica. O local de trabalho da fábrica fordista-taylorista é um local recalcitrante às pulsões de vida. O *desejo* – que dispersa corpo e mente - é subversivo no território do capital. Ele tende a dispersar a atenção e concentração necessárias para o desempenho produtivo do

## Curso de Extensão Universitária

### A Precariedade do Trabalho no Capitalismo Global

trabalho. Ora, nada deve tirar a atenção do trabalhador das suas tarefas estranhadas. O desejo sexual só é admissível – como na fantasia de Lulu com a bunda de Adalgisa – se conseguir tornar-se portador da emulação da produtividade do trabalho. A sexualidade só se torna aceitável, caso seja *sublimada às avessas* para a preservação da ordem burguesa – isto é, tornar-se mercadoria e incorporar a *forma animalesca* da inversão estranhada (é o que ocorre não apenas com a fantasia sexual de Lulu, mas com a própria sexualidade como mercadoria no mundo do capital).

O operário Lulu é um homem tensionado e intranquilo em suas disposições íntimas. Não consegue ter uma vida sexual insatisfatória com a mulher. O fetichismo da produção o dilacera intimamente, esgarçando sua vida pessoal. É um homem insatisfeito em seus carecimentos humanos. Quanto mais *alienado de si*, mais intranquilo. As fantasias sexuais que alimenta no local de trabalho (como a obsessão pela bunda de Adalgisa), recurso íntimo de sublimação às avessas, são meros sintomas da sua desefetivação humano-genérica. Adalgisa diz: “Mas você só pensa nisso?”. Ora, Lulu é o *homem comum*, operário-padrão do filme. Por isso, nele se manifesta, de formas extrema, as *sintomatologias do homem burguês dilacerado e intranquilo*, carrasco e algoz da ordem do fetichismo do capital.

O operário Lulu, 31 anos de idade, trabalhando há 15 anos na fábrica – portanto desde os 16 anos – é um *homem comum* submetido à miséria do capital. Mas aos 31 anos de idade, sente o desgaste paulatino de sua corporalidade viva. Ele já teve intoxicação e úlcera, sintomas físicos da desefetivação humano-genérico. As doenças de Lulu possuem *nexo causal* com o trabalho. Ele próprio o reconhece. Mas Lulu sente – aos 31 anos – dificuldades de conciliar o sono e insatisfação na vida sexual com a mulher. Torna-se um homem consumido pelo trabalho estranhado que o aliena cada vez mais de si mesmo como ser humano-genérico. Essa alienação se traduz em problemas de saúde do trabalhador.

## Curso de Extensão Universitária

### A Precariedade do Trabalho no Capitalismo Global

O momento significativo de inflexão da narrativa do filme “A classe operária vai ao paraíso” é o momento da perda do dedo de Lulu. A pressão pelo cumprimento da quota cria um ambiente hostil entre Lulu, o operário-padrão, e os demais operários que se sentem superexplorados pelo novo sistema de produção baseado nas quotas. Aliás, o elemento narrativo que detona a problemática do filme é a adoção das quotas como inovação organizacional na fábrica fordista.

A nova sistemática de trabalho implica na revisão dos tempos de produção de cada máquina. Lulu como operário-padrão, é a medida da nova média elevada de produtividade do trabalho. Cada máquina deve aumentar a sua produção em torno de 30%. Busca-se reduzir o tempo de trabalho necessário na produção das peças. Lulu diz: “Se parar a máquina, perde tempo”. Sob o olhar atônito do colega de trabalho, Lulu se arrisca a sofrer um acidente de trabalho, expondo-se à máquina em movimento ao retirar (e colocar) peças que estão sendo manufaturadas, sem parar a máquina.

Com a sistemática das quotas, torna-se intensa a pressão sobre os operários no chão-de-fábrica visando o aumento da produção. Acompanha-se o rendimento de cada operário hora-a-hora. Verifica-se se estão cumprindo a quota mínima. Em cada momento, surgem atritos pessoais entre supervisores de produção e operários que aparecem como resistências contingentes da classe contra a exploração do capital. É a luta de classes – em sua dimensão contingente - que aparece nos interstícios da produção. O sistema de quotas – elemento da reestruturação produtiva do capital – acirra o conflito entre capital e trabalho organizado. Mais uma vez, Elio Petri se utiliza da referência de cunho sexual para contestar a ordem repressiva do capital. Questionado pelo supervisor de produção sobre o ritmo de sua produção, o operário diz: “Sinto muito, mas eu me regulo segundo a minha velocidade de masturbação”.

Diante dos novos tempos de produção, que intensificará o ritmo de trabalho, os operários esboçam uma reação coletiva. Por exemplo, a representação sindical no local de trabalho pergunta à chefia: “A partir de

## Curso de Extensão Universitária

### A Precariedade do Trabalho no Capitalismo Global

quando vigorarão esses tempos?”. A chefia, *persona* do despotismo fabril, diz que entrarão em vigor imediatamente. Os operários não concordam – surge o impasse. Os operários clamam: “Deve nos dizer quanto ganharemos com isso”. E ainda: “Maior produção, maior salário”. A autocracia da chefia faz o líder sindical no local de trabalho observar: “Escute aqui. Não estamos numa prisão. Deve aprender a discutir com os operários!”.

É a nova sistemática de trabalho – a adoção das quotas de produção e a intensa pressão pela produtividade do trabalho que *transtornam* o trabalho e a vida cotidiana do personagem principal do filme: Lulu Massa (assim como o aumento da velocidade da máquina na última hora da jornada de trabalho no filme “Tempos Modernos”, de Charles Chaplin, fez o *industrial worker* surtar). Na verdade, no filme, a perda do dedo de Lulu e a agitação sindical-grevista dos operários B.A.N decorrem do aumento da exploração da força de trabalho sob as condições da produção da mais-valia relativa.

Como um tipo de *meta* a ser cumprida, a imposição das quotas de produção é uma forma organizacional de reestruturação produtiva do capital. Os operários organizados em sindicatos lutam para *negociar* os termos da nova sistemática de trabalho, Por outro lado, os estudantes radicalistas não aceitam nenhuma negociação com o capital e exigem a abolição imediata das quotas de produção.

Como operário-padrão, Lulu provoca os companheiros de trabalho: “Tem que se acabar para acompanhar o meu ritmo”. Mas os operários o provocam à altura. Um deles diz: “Você se acaba sozinho pois eu não cumpro a quota.” Um outro operário alerta Lulu: “Lulu, a vida de um homem é longa. Pense na velhice; pense em quando você terá a espinha tomada pela artrite no hospital, com pneumonia, meio cego, meio surdo e sem um amigo.” Lulu fica irritado com as advertências do colega de trabalho. Repete: “Te quebro o crânio! Armo uma confusão! Te arranco as tripas! Te quebro a espinha em dois pedaços! Pego uma metralhadora!”. Lulu está cego pelo ódio. Talvez por isso, *perde a atenção* na máquina e tem o dedo decepado (uma curiosidade: logo na cena inicial do

## Curso de Extensão Universitária

### A Precariedade do Trabalho no Capitalismo Global

filme, na entrada na fábrica, uma cartaz com um dedo denuncia a cena do decepamento do dedo de Lulu).

Na medida em que os operários tiraram a *atenção* de Lulu, desviando seus pensamentos para atitudes de revanche, Lulu foi levado a cometer – sob a ótica fetichista do capital - um *gesto de desamor* com a máquina (se Lulu pensasse na bunda de Adalgisa, estaria sublimando sua libido para um melhor desempenho na produção – mas o ódio contra os operários que o contestavam, era um ato meramente dispersivo que não contribuiu para melhor desempenho com a máquina). Diz a voz da gerência: “Trate com amor a máquina que lhes foi confiada.” A máquina-ferramenta o puniu: decepou seu dedo! A máquina é implacável com aqueles que não lhe dão dedicação exclusiva.

O acidente de trabalho de Lulu - que lhe decepou um dedo – prejudicou a produtividade do trabalho na fábrica. Lulu era o operário-padrão que dava o ritmo da produção. É diante do cenário de *crise de produtividade* que o capital apela para o *espírito de colaboração* entre capital e trabalho. Diz o gerente da fábrica da B.A.N.: “Precisamos fazer como antes; restabelecer aquele espírito de colaboração, compondo os interesses do operariado e do capital.”

Ora, sob o capitalismo fordista-keynesiano, o discurso da colaboração de classe implicava o reconhecimento pelo capital, da existência de *interesses diferenciados* entre capital e trabalho. Operários são operários. O que se busca é restabelecer o espírito de colaboração de classe (admite-se assim, que existem *classes sociais*). Entretanto, sob o capitalismo global, com a hegemonia toyotista-neoliberal e a dissolução dos coletivos organizados de trabalho, o discurso da colaboração de classes se interverte – em geral – no discurso do protagonismo capitalista, onde operários *não* são mais operários, mas parceiros/colaboradores do empreendimento capitalista. Individualiza-se a relação de colaboração/envolvimento. Não se reconhece a classe como sujeito de direitos.

## Curso de Extensão Universitária

### A Precariedade do Trabalho no Capitalismo Global

Inquieto, o patrão da metalúrgica B.A.N. – talvez mero gerente executivo da fábrica, que responde diante de um Conselho de Acionistas, lamenta que a produção tenha caído. Ele se dirige ao chão de fábrica para conversar com seus operários, acompanhado dos engenheiros de produção. Diz: “Falo por vocês. Eu também sou um dependente”. Ora, o capitalista é mera *persona* do capital. De fato, ele é um *dependente*, inserido, portanto numa situação de alienação/estranhamento. Cumpre meramente uma função dirigente: organizar a exploração da força de trabalho, extrair mais-valia e valorizar o capital investido. Caso não cumpra com sua função executiva, tende a ser *desefetivado* enquanto individualidade pessoal de classe. Inclusive pode ser também demitido pelo Conselho de Administração da empresa (caso ela seja uma *sociedade anônima*). O homem burguês dirigente da B.A.N é um mero “*proletário*” do capital, absolutamente incapaz de emancipar-se da sua personalidade estranhada.

Mais uma vez, o velho Militina, ex-operário *enlouquecido*, conseguiu apreender que *senhores e escravos* são partícipes (e dependentes) do mesmo jogo do capital – o *jogo do dinheiro*. São *personas* do capital implicados numa condição de alienação da sua dimensão humano-genérica. Por isso, ricos e pobres *enlouquecem* do mesmo modo: “Nós enlouquecemos porque temos pouco e eles porque tem demais.”

Após perder o dedo, Lulu volta para a produção. Entretanto, ele não é mais o mesmo. Não apresenta o mesmo rendimento de trabalho. O supervisor de produção Sanguetta, acusa que o rendimento está baixíssimo e que ele acabará perdendo a quota. Como salientamos acima, Lulu é a referencia para o ritmo de produção dos demais operários na fábrica. Por isso, pressiona-se Lulu para retomar o desempenho produtivo anterior. Entretanto, Lulu diz: “Não é que não posso; é que não quero! Tenho outras coisas na cabeça!”.

De fato, o acidente de trabalho – com a perda do dedo – fez Lulu refletir sobre a loucura do trabalho. Ocorre um *surto íntimo* em Lulu que o tornou um



## Curso de Extensão Universitária

### A Precariedade do Trabalho no Capitalismo Global

“crítico” da lógica produtivista. Lulu oscila para a outra posição extrema – “sabota” o ritmo de trabalho.

O supervisor Sanguetta diz que o ritmo de Lulu é de criança. Nesse momento, Lulu diz: “Ah, sim! Crianças! As crianças vão à escola! Tudo Mentira. Aqui não nos tratam como crianças do maternal? Aliás, do reformatório!”. Ora, Lulu questiona o *infantilismo da fábrica fordista-taylorista*, que suprime a autonomia mental-intelectual dos operários, tornando-os meros executores do escritório da engenharia de produção (Taylor observava que o operário-padrão da organização científica do trabalho deveria ser um “homem bovino”, isto é, um homem que não pensasse muito e trabalhasse como um boi – e diríamos mais, fosse para o matadouro sem se insurgir).

Sanguetta o ameaça com multa, e Lulu, indignado, vocifera que antes de multá-lo, terão que devolver a ele tudo que lhe roubaram – inclusive o dedo. Ao ser ameaçado de multa por não acompanhar o ritmo da produção, Lulu – o xodó dos engenheiros de produção – agora sem um dedo, fica indignado e grita com os engenheiros de produção: “Por que não me multam? Vamos, multem-me!”.

O operário Lulu tem um lampejo de consciência de classe ao perceber que é roubado pelo capitalista. Num momento de indignação, explicita-se a consciência de classe contingente de Lulu. A idéia de que operários são roubados pelos capitalistas aparece no filme também na cena da revista dos operários comentada acima. Naquela cena, como disse o estudante agitador de extrema-esquerda: “Para os patrões os ladrões são vocês, mas na verdade são eles os ladrões”. É o conceito de mais-valia que é o sobretrabalho excedente não-pago pelo capitalista ao operário.

Após o surto de indignação, Lulu é levada a ter uma entrevista com o assistente social da B.A.N e a fazer um teste psicotécnico visando identificar as causas do seu desvio de conduta na fábrica. Sob o capitalismo fordista-keynesiano, a profissão do *assistente social* – como a profissão do psicólogo e sociólogo industrial – possui uma função meramente disciplinar e conformativa.

## Curso de Extensão Universitária

### A Precariedade do Trabalho no Capitalismo Global

A pressão sobre as individualidades pessoais visando a sua conformação às injunções da produção fordista-taylorista como instituição social do trabalho é intensa e recorrente, utilizando-se para tal, de um corpo de *profissionais (e técnicos) da conformação social*. Aliás, a profissão do assistente social surgiu com o fordismo nas primeiras décadas do século XX nos E.U.A.

No teste de discernimento, Lulu identifica os símbolos (cachimbo, tromba, compasso e vaso de flores). O assistente social busca fazer correlações psicanalíticas convencionais, como identificar a perda do dedo com o sentimento de castração. Mas Lulu o desconcerta quando diz que, agora sem o dedo, pelo contrário, aumentou o ritmo (ou disposição) de fazer sexo: “Dou até 3 por noite”. O que o assistente social não percebe é que, após perder o dedo, Lulu, de certo modo, se “liberou” do *stress* do produtivismo das quotas, na medida em que se auto-impôs um ritmo de trabalho mais lento – como ele disse:””Tenho outras coisas na cabeça”.

Ao revoltar-se contra o trabalho estranhado, destravou – pelo menos, de imediato, sua vida sexual com Lídia, a cabeleireira (o que não significa que tenha tornado sua vida sexual com a companheira plenamente satisfatória, tendo em vista que, mais adiante, ao transar no carro com Adalgisa, observou: “Aqui entre nós, com aquela lá, não consigo mais”). Mas há uma incógnita: Lula diz gostar de dinheiro. Ora, se Lula gosta de dinheiro, por que se revoltou contra o trabalho e, portanto, contra o dinheiro? Fica a interrogação para o assistente social.

É curioso, num certo momento, que o assistente social faz coisas estranhas: ele arruma os lápis na caixa, colocando-os certinhos, em ordem. Talvez isto seja um tipo de obsessão maniaco-compulsiva, indício de algum tipo de loucura do trabalho. Como Militina observou – e iremos tratar mais adiante - a sua loucura teve início com ele fazendo coisas estranhas (por exemplo, quando comia, colocava os talheres retinhos, em fila, como soldados).

# Curso de Extensão Universitária

## A Precariedade do Trabalho no Capitalismo Global

### **2. No limiar da barbárie social: trabalho estranhado consumindo vida humano-genérica**

O filme “A classe operária vai ao paraíso” expõe não apenas a *exploração da força de trabalho* na fábrica, mas dimensão da *vida cotidiana* do personagem central – Lulu Massa – sendo consumida em sua interioridade pelo trabalho estranhado. Na verdade, como traço ontológico da expansividade do capital, o trabalho estranhado tende a repercutir nas instâncias pessoais, implicando a vida familiar e seus afetos (sexualidade) das individualidades de classe. O trabalho estranhado produz o *estranhamento* que convulsiona a vida pessoal de Lulu.

A *pessoa humana* Ludovico Massa (vulgo, Lulu) é um homem bom, que trabalha como operário desde os 16 anos, sendo que, aos 31 anos, tornou-se um homem de *vida fraturada*, que busca, em si e para si, preservar laços danificados e dispersos (por exemplo, ele sustenta seu filho que está com a ex-mulher e ainda o filho da atual mulher com quem mantém uma relação de companheirismo).

Ao invés do filme “Tempos Modernos”, de Charles Chaplin, que começa com o cenário do trabalho estranhado - a fábrica fordista, o filme “A classe operária vai ao paraíso” começa com o cenário do estranhamento íntimo do homem que trabalha. Lulu acorda na madrugada, e volta a dormir. Horas depois, volta a acordar para ir trabalhar. Durante o sono, a imagem da empresa o persegue (B.A.N.). Demonstra ser um homem intranquilo, “capturado”, em sua subjetividade, pelo capital.

O homem proletário imerso nos *fetichismos* do sistema estranhado do capital é um *homem intranquilo*. Ao *escolher* o comprometimento com valores do capital – Lulu é o operário-padrão da B.A.N. – o homem que trabalha é envolvido num processo de desefetivação humano-generica. A “captura” da subjetividade pelo capital – “captura” que implica *escolhas pessoais* sob

## Curso de Extensão Universitária

### A Precariedade do Trabalho no Capitalismo Global

determinadas circunstâncias e condições – dilacera o núcleo humano-pessoal de Lulu.

É importante salientar, portanto, que a “captura” implica escolhas pessoais-morais do homem que trabalha, sendo portanto, um gesto de inautenticidade do homem alienado da sociedade burguesa. Na medida em que a sociedade burguesa (de)forma individualidades pessoais de classe como homens e mulheres inautênticos em sua vida cotidiana, cria as condições humano-morais para as “escolhas” espúrias que ocorrem nos locais de trabalho.

Uma dimensão da intranqüilidade visceral do homem proletário é a *intranqüilidade do sono*. Lulu *sonha* com a linha de produção. A fábrica está na sua vida. O trabalho estranhado consome sua vida pessoal e sua interioridade psíquica. Como o fetichismo da mercadoria, o trabalho estranhado *adere* à vida pessoal de Lulu. Na verdade, a sua vida cotidiana se impregna do “mal odor” do trabalho estranhado. Na medida em que ele tem sua subjetividade “capturada”, sua mente – à noite, durante o sono – divaga pelos espectros estranhados da exploração capitalista.

O filme começa com a cena do despertar cotidiano de Lulu em mais um dia de trabalho, após uma noite de sono intranqüilo. No decorrer do filme iremos verificar a natureza da intranqüilidade de Lulu. Talvez diante de uma situação de crise, a fábrica capitalista decidiu aumentar o ritmo de produção (como salientamos, na virada da década de 1960 para a década de 1970, as economias capitalistas davam os primeiros indícios de desaceleração, prenunciando a grande crise – a primeira recessão generalizada da economia capitalista do pós-guerra, em 1973).

Lulu acorda, tendo ao seu lado, um relógio-despertador (“parente” próximo do cronometro taylorista na fábrica fordista); e a bandeira do Milan, seu time de futebol. Está cansado. Bate na cabeça, observa o filho que ainda dorme. Faz café e lê as manchetes de futebol no jornal local.

## Curso de Extensão Universitária

### A Precariedade do Trabalho no Capitalismo Global

Num certo momento, Lulu exclama: “A cabeça é tudo”. Ora, na fábrica fordista-taylorista, não se exige a participação ativa da cabeça do operário. Entretanto, é a cabeça – ou as escolhas que ela faz – que implica (ou não) o trabalho vivo e a força de trabalho com os valores do capital. A cabeça pode cultivar tanto pensamentos pouco conformistas como comprometer-se com os valores da empresa. No decorrer do filme, a cabeça de Lulu muda – ao perder o dedo ele próprio reconhece que passou a ter “outras coisas na cabeça”.

Ao dizer que a cabeça é tudo, Lulu coloca em seu horizonte de auto-percepção, o ordenamento lógico da fábrica fordista, onde a cabeça – o *corpus* administrativo do capital envolvida na *concepção* - é a direção central que faz os projetos e programa a produção e que põe em movimento os braços, as pernas, a boca, os olhos, a língua.

Ao fazer a analogia do indivíduo com uma fábrica, Lulu demonstra estar imerso no estranhamento do capital. A fábrica – *naturalizada* como organismo vital – dividida entre os responsáveis pela *concepção* e os responsáveis pela *execução* – torna-se *fetichizada*. Nesse sentido, a analogia da “fábrica de merda”, expressão do *fetichismo da fábrica*, denuncia que Lulu está imerso nos fetichismos da ordem social estranhada do capital. Na verdade, Lulu é um homem proletário intranquilo subsumido ao *fetichismo da fábrica*. O que explica seu sono intranquilo

Na medida em que Lulu tem uma vida pessoal consumida pelo trabalho estranhado, ele tem não apenas um sono intranquilo, mas uma vida sexual conjugal insatisfatória. Nesse caso, há um *nexo causal* entre *sexualidade travada* e imersão no trabalho estranhado.

As novas condições da exploração da força de trabalho na empresa, exacerbando a extração de mais-valia relativa, e sua *escolha pessoal* em comprometer-se a ganhar 20 mil libras a mais, tornando-se o operário-padrão da B.A.N, consumiram suas energias vitais. Essas condições – que incluem também a rotina e monotonia da vida conjugal proletária – contribuíram para a

## Curso de Extensão Universitária

### A Precariedade do Trabalho no Capitalismo Global

falta de desejo sexual de Lulu, impedindo sua ereção com sua companheira Lidia.

Num primeiro momento, Lulu – como um machista latino - se utiliza de desculpas para explicar sua falta de desejo sexual – “Como é possível fazer amor com carne enlatada? Cabelo de mentira...”. Mas a mulher contesta e diz que ele deve marcar uma consulta e procurar um médico. Lulu se irrita, expondo sua condição do *trabalho vivo* que *sofre* com a exploração do capital. Diz que o seu membro viril não é uma máquina que funciona *automaticamente*: “Acha que tenho uma máquina entre as pernas?”. Na verdade, seu membro viril é parte da subjetividade desefetivada do homem que trabalha pela exploração do capital.

Depois, Lulu assume o nexos causal entre seu estilo de vida operária, as novas condições de exploração na fábrica e a sexualidade travada com sua *falta de desejo sexual*. Ele diz que só sente vontade pela manhã. “Na fábrica, daria até três, mas você não está lá.” Ora, o trabalho estranhado tende não apenas a consumir trabalho vivo, mas a organizar a alocação espaço-temporal das energias vitais do desejo do sujeito que trabalha.

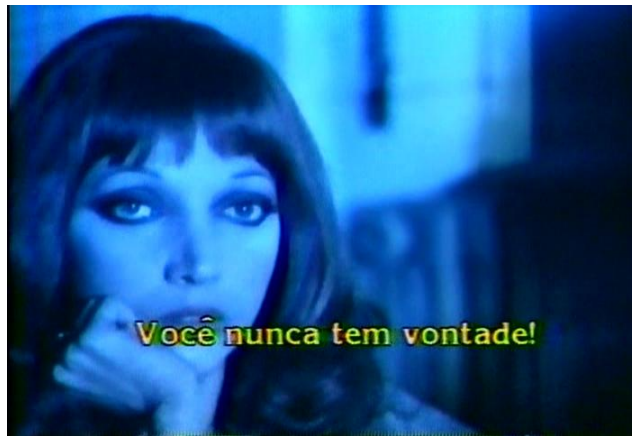
Como salientamos acima, a causalidade da *falta de desejo sexual* de Lulu por Lidia, sua companheira, possui uma dimensão complexa. Não podemos atribuí-la tão-somente ao trabalho estranhado, mas também ao estranhamento social com o irremediável desgaste afetivo-amoroso da vida sexual em virtude da rotina (e monotonia) da vida proletária Além disso, Lulu, em sua singularidade pessoal de *macho latino*, gosta de mulheres noviças (como Adalgisa, a operária).

As cenas de Lulu diante da TV, com mulher e filho, demonstram a monotonia do tempo livre no lar fordista. Lidia, sua companheira que trabalha num salão de beleza, faz o trabalho doméstico. Numa das cenas, questiona se ele pegou dinheiro para dar para ex-mulher. Lulu, o machão latino, é um homem bom. Noutra cena, eles assistem o mesmo programa na TV, talvez no mesmo horário e canal (Lulu está inquieto porque o chamam de “puxa-saco” do patrão.

## Curso de Extensão Universitária

### A Precariedade do Trabalho no Capitalismo Global

Diz ele: “Eu nem conheço o patrão”. Lulu diz que a fábrica não é como um salão de beleza onde o patrão está ali e se quiser te botam na rua. “Na fábrica não tem patrão. Tem uma sociedade...”, diz ele). Mas Lidia, como mulher carente, está inquieta com a falta de desejo sexual do companheiro que alega úlcera. Antes era dor de cabeça. “Você nunca tem vontade”, diz ela.



Lulu aproveita a greve na fábrica da B.A.N. para *transar* com seu objeto de fantasia sexual na fábrica – Adalgisa. São momentos de transgressões da ordem burguesa. Por um lado, a greve operária. Por outro, a “escapada” de Lulu que desvirgina a jovem Adalgisa.

A perda do dedo de Lulu, ironicamente, não significou sua irremediável castração. Pelo contrário, deu-lhe mais vigor humano. Primeiro, Lulu rompe com suas atitudes de operário-padrão, passando a ter outras coisas na cabeça. A transa sexual com Adalgisa, dentro do carro, num estacionamento abandonado de uma fábrica desativada, demonstra, entre outras coisas, que a jovem Adalgisa não é mais uma mera fantasia sexual de Lulu, objeto-veículo de *sublimação às avessas* do operário-padrão, mas sim, tornou-se uma mulher real que Lulu tira a virgindade.

Ora, Lulu sente imensa satisfação no ato sexual com Adalgisa. Foi um ato apressado no estilo fordista – diz ele: “Não percamos tempo”. “Ah, como estou

## Curso de Extensão Universitária

### A Precariedade do Trabalho no Capitalismo Global

satisfeito! Pronto, acabou!”, observa Lulu. “Você não pode imaginar o prazer que me deu. *Aqui entre nós, com aquela lá não consigo mais. Pensei que ia acabar como o Militina. Já estava culpando a fábrica. O dia todo ali, pedalando aos 31 anos.*”. Adalgisa diz: “Eu não senti nada. Só dor”. E arremata: “Amor é só isso?”. Lulu, pragmático, diz: “Amor, amor...amor se faz; uma vez feito, tá feito. E aí se volta ao normal. Como os animais.”.

É um diálogo deveras interessante que revela que o operário Lulu, o metalúrgico, é um homem em processo de desefetivação humano-genérica. É claro que a perda do dedo e sua insurgência individual contra a exploração do capital na fábrica da B.A.N *não* o libertou da condição objetiva do trabalho estranhado e estranhamento social. Lulu é um homem constituído pelo metabolismo social do capital, individualidade pessoal de classe (de)formada em sua sensibilidade (e afetividade) humano-genérica pela lógica (e estética) da mercadoria. Por isso, Lulu em suas funções humanas, ele se sente um animal. Eis o traço típico da vida estranhada do capital. O sexo tornou-se mera satisfação animal e o amor, mero ato de fazer sexo. Adalgisa está desapontada. Mas Lulu está realizado como *macho*.





## Curso de Extensão Universitária

### A Precariedade do Trabalho no Capitalismo Global

Com Adalgisa, Lulu conseguiu ter desejo sexual. Diz ele: “Pensei que ia acabar como o Militina. Já estava culpando a fábrica”. Como salientamos acima, é claro que a insatisfação sexual de Lulu com Lidia, sua companheira, não poderia decorrer apenas do trabalho estranhado na fábrica. Existe uma insatisfação visceral em Lulu ligada à dimensão do irremediável desgaste (e desalento) afetivo-amoroso da vida cotidiana proletária. A jovem Adalgisa mostrou a Lulu que ele - como macho latino - é um *homem vivo*, afastando dele o *espectro* da loucura de Militina. Portanto, a loucura do trabalho sob o modo de produção capitalista decorre, de certo modo, do medo da perda irremediável do pulsar da afetividade sexual. Por isso, Lulu disse: “Ah, como estou satisfeito!”.



Lulu é um *homem intranquilo*, imerso em objetos-fetiches que constituem o mundo da produção e vida cotidiana do capital. As coisas o perseguem. De forma metafórica, Elio Petri utiliza *objetos-coisas* de animais observando Lulu. Por exemplo, numa das primeiras cenas do filme, um burrinho observa o operário Lulu que acorda para mais um dia de trabalho. Noutra cena, quando Lulu transa com Adalgisa dentro do carro, vemos uma pequena estatueta de cão. Mas existe uma cena curiosa: desalentado, Lulu, operário desempregado, decide numa tarde, trancar-se no apartamento e

## Curso de Extensão Universitária

### A Precariedade do Trabalho no Capitalismo Global

liquidar as coisas que acumulou nos últimos anos. Diz ele: “Vendo tudo! Liquidação!”. Lulu está cercado por um mundo de mercadorias inúteis. Ele traduz o preço delas em horas de trabalho. “Bichos variados”, diz ele. E assevera: “Não servem para nada. Se pego o inventor dessas porcarias, Se eu pego quem inventa essas coisas; quem tem essas idéias eu parto a cara dele.”

Lulu observa que tem 4 despertadores. “Por que será?”, pergunta ele ironicamente. Ao abrir um armário, exclama: “O Museu! O Museu!”. É o local em sua casa onde ele guarda as notas e as lembranças. Diz ele: “Qualquer dia fico aqui também”. Observamos um quadro de Josef Stalin – teria Lulu em algum momento sido militante do Partido Comunista Italiano? - e logo depois, ele pega um envelope de ações. Diz ele: “Vou ficar aqui embalsamado também”. Enfim, Stálin e ações, enfim, “múmias”-ícones do século XX - o comunismo soviético e o capitalismo democrático. Ao encontrar o boneco do Pato Donald de plástico exclama: “ Está me controlando? Eu te quebro, sabia? Me controlando. O que está controlando?”.

O operário Lulu é um homem alienado do produto e do processo de trabalho – é um operário na fábrica fordista. Mas é um homem desvinculado de si e dos Outros. Separou-se da primeira mulher com quem teve um filho (Armando). É um homem alienado da futuridade de si pois não consegue se relacionar pessoalmente com nenhum dos filhos – Armando ou Arturo, filho da sua companheira Lídia.

Numa das cenas, visita a ex-mulher para falar da perda do dedo, mas todos estão indiferentes a ele – inclusive o filho Armando. “Perdi o dedo e quero que meu filho saiba”, diz ele. O colega de fábrica, sindicalista, companheiro de sua ex-esposa, cobra dele dinheiro para pagar despesas do filho. A ex-mulher observa: “Um pai mesmo com nove dedos deve manter o filho”. Lulu reclama que o filho chama o companheiro de sua ex-mulher de pai. A avó diz: “Pra ser pai precisa pagar. Agora o pai é ele”. Lulu é um proletário sem laços com a futuridade. É um homem alienado da paternidade. Não é reconhecido como pai pelo próprio filho. Após encontrar a indiferença da ex-mulher e do filho

## Curso de Extensão Universitária

### A Precariedade do Trabalho no Capitalismo Global

Armando, Lulu vai busca conquistar o filho da sua companheira, - Arturo – indo busca-lo na escola. Mas encontra certo distanciamento.

Ao ir buscar Arturo na escola, Lulu observa: “Parecem operários pequenos”. As crianças saem da escola em massa, como os operários da fábrica em que trabalhava. De certo modo, Lulu intui, naquele momento, que a lógica fordista que organiza a produção de mercadorias, impregna a vida social, inclusive a instituição escolar. A sociedade burguesa tornou-se uma imensa indústria. Eis o sentido do conceito de *grande indústria* tratada por Marx. Ao invés de ser apenas uma *forma material* de organização da produção capitalista sob a produção da mais-valia relativa, ela é uma *forma social* de dominação do capital.

Mas as cenas do encontro de Lulu com o “louco” Militina são as cenas de lucidez do filme “A classe operária vai ao paraíso”. Aliás, o “louco” Militina é um dos personagens mais lúcidos do filme. Recolhido ao hospício público, recebe a visita de Lulu. Lulu está inquieto pois teme que possa estar enlouquecendo. Militina é um “espectro” que ronda Lulu Massa. Nesse momento, ao conversar com o “louco” Militina, coloca-se com clareza o vínculo entre trabalho estranhado e loucura. É um tema candente do mundo do trabalho sob o capitalismo global.

Logo de começo, Lulu pergunta a um dos internos quantos anos ele tem. Fica impressionado com a pouca idade do enlouquecido. Encontra Militina lendo “Spartacus” e rasgando algumas páginas do romance de Howard Fest. O amigo louco mostra depois uma curiosa reportagem onde, em Estocolmo, um chimpanzé pensa que é homem. Lula observa: “Pobre animal!”. Lulu mostra a Militina o registro de suas horas de trabalho na fábrica. Existe um detalhe importante no registro de horas de trabalho de Lulu: a participação das quotas no salário total é bastante significativa, demonstrando o alto grau de exploração da força de trabalho na B.A.N. (horas normais: 17.400 liras; quotas: 9.918 liras).

## Curso de Extensão Universitária

### A Precariedade do Trabalho no Capitalismo Global

Na verdade, Lulu, ao conversar com Militina, está intranquilo sobre uma coisa. Ele quer saber de Militina como soube que estava ficando doido. A lucidez de Militina impressiona. Primeiro diz: “Mas são os outros que decidem que você está doido”. E arremata: “A verdade é que já tinha suspeitado antes deles.” E observa que a suspeita é uma raposa peluda, ladra, covarde, reacionária. Diz que fazia coisas estranhas. Lulu está curioso. Pergunta: “Que coisas?”. Militina relata que passou a ter obsessões compulsivas com a organização dos talhares à mesa: “Quando comia, por exemplo, os talheres tinham que estar retinhos em fila, sabe? Como soldados.” E arremata algo interessante, que demonstra mais uma vez a tese da totalidade social como fábrica: “Eu estava ali comendo e sonhava que ainda estava na fábrica.”

Mas a loucura de Militina veio de uma obsessão demasiadamente humana: saber o que se produz naquela fábrica: “O que fabricamos naquela fábrica? Pra que servem aquelas peças...milhões de peças?”. E disse que um dia pegou o engenheiro da B.A.N. pelo pescoço e perguntou: “O que se fabrica nesta fábrica? Diga ou eu te mato”. E arremata: “Um homem tem o direito de saber o que faz, pra que serve...ou não?”.

Uma das idéias-força do filme é a idéia *da fábrica como totalidade social*. Eis o sentido do conceito de grande indústria. Por exemplo, na cena com Militina, Lulu pergunta como é a comida no hospício e Militina diz que é igual a do refeitório da B.A.N.: “Aqui é igual à fábrica, só que não deixam sair de noite.” Militina sente falta das conversas de bar com os companheiros. Embora ressalte a hipocrisia dos próprios companheiros de bar. Mas a idéia da *totalidade social como fábrica* aparece noutras cenas do filme como, por exemplo, a cena em que diz para Arturo, filho de sua companheira, que vai esperar na escola: “Parecem operários pequenos”. Na conversa com Militina, outro momento em que a idéia-força aparece é quando o amigo louco observa que tinha percebido que estava ficando doido quando, na hora da comida, passou a sonhar que ainda estava na fábrica. Enfim, sob o sistema do capitalismo global, as fronteiras entre produção e reprodução social tendem a tornar-se tênues - Escola é Fábrica! Hospício é

# Curso de Extensão Universitária

## A Precariedade do Trabalho no Capitalismo Global

Fábrica! Vida é Fábrica! Fábrica é Vida! A extensão orgânica da fábrica para a totalidade social enlouquece as individualidades pessoais ou a colonização do mundo da vida pelo mundo sistêmico do capital é um elemento de desefetivação humano-genérica ou de insanidade do homem que trabalha.

Mas, Militina possui uma explicação para a *loucura universal*. Diz ele: “Lulu, é o dinheiro. Todos fazemos parte do mesmo jogo. Patrões e escravos do jogo do dinheiro. Nós enlouquecemos porque temos pouco e eles porque têm demais. Assim é este inferno...” E conclui melancólico: “Esse planeta cheio de hospitais, de manicômios, de cemitérios, de fábricas, de quartéis, e de ônibus A cabeça pouco a pouco sai de órbita..faz greve, greve, greve...”

Militina é um observador sagaz – verifica que no hospício público a classe do proletariado está toda representada. A loucura do trabalho atinge a todo o mundo do trabalho, Diz ele: “Eram operários, camponeses, pedreiros, policiais, funcionários, coveiros, contadores, porteiros, motoristas, operários de primeira, segunda, terceira e até a décima categoria..” Talvez um outro atributo existencial da condição de proletariedade seja a propensão à loucura que é a forma mais aguda desefetivação humano-genérica – isto é, a perda do sentido de realidade. E observa: “Os loucos ricos não estão aqui. Estão escondidos nas clínicas privadas, o que é compreensível Se eles soubessem que os ricos também enlouquecem...cairiam em prantos.”

### **3. A rebeldia do trabalho**

O corte do dedo de Lulu irá deflagrar o processo de rebeldia operária. É o evento que promoverá uma inflexão na narrativa do filme, alterando tanto a atitude do coletivo fabril, quanto a de Lulu Massa. Indignados e revoltados contra a perda do dedo do companheiro de trabalho, os operários encontram o motivo para se rebelar contra as quotas. Cria-se um clima de quase quebra-

## Curso de Extensão Universitária

### A Precariedade do Trabalho no Capitalismo Global

quebra. Percebe-se no movimento coletivo dos operários naquela situação concreta a diferença entre teleologias políticas. Um operário grita: “Greve! Ai está o resultado da quota! Greve! Todos unidos!”. O representante sindical no chão-de-fábrica procura acalmar a massa. Diz: “Não podemos perder a cabeça!”. Um operário discorda da atitude contempozadora: “Por que está recuando agora?”. O líder sindical rebate: “Não estou recuando. Quero refletir! Existem outros meios!”.

Antes de proclamar a greve, ele pensa em marcar uma assembléia para organizar o movimento. Mais adiante clama contra os engenheiros de produção, “cérebros” da fábrica fordista: “Vocês cortam os tempos e nós cortamos os dedos! Queremos assembléia!”. Enfim, ocorre um movimento operário espontâneo que extravasa sua contestação à superexploração do trabalho. Deste modo, o corte do dedo de Lulu foi o ato contingente que deflagra o movimento essencial de luta operária contra as quotas.

O momento da assembléia sindical que ocorre no interior da fábrica, é o momento de explicitação das teleologias políticas que existem no interior do movimento operário da B.A.N. Trata-se de uma fábrica metalúrgica de alta organização no local de trabalho. De fato, os operários possuem uma consciência de classe em si, que os coloca contra o capital, pelo menos no plano do reconhecimento de seus direitos sociais e políticos. Ora, para reagir contra o capital, eles precisam fazer escolhas decisivas sobre o que fazer. É nesse momento, que se coloca as teleologias políticas. Como disse Lukács, *o homem que trabalha é um ser que dá respostas*. O que significa que é obrigado a fazer *escolhas político-morais*. Só que, para que possa dar respostas, o homem que trabalha precisa fazer as *perguntas* adequadas à situação concreta (nesse momento, se colocam as mediações políticas necessárias).

Ora, desde o começo do filme percebe-se que a luta operária é clivada por diferenças de *estratégias e táticas políticas* (de um lado os sindicatos unidos e, de outro, os estudos radicalistas, que conquistaram dentro do coletivo operário da B.A.N. algum apoio político, principalmente entre os jovens operários). As

## Curso de Extensão Universitária

### A Precariedade do Trabalho no Capitalismo Global

diversidades de posições teleológicas é um dado sócio-ontológico ineliminável da luta histórico-política de classe. Ela decorre dos diferentes graus de desenvolvimento da consciência social, dos interesses materiais em jogo e das tradições político-culturais herdadas do passado nas circunstâncias concretas da luta de classes.

A assembléia sindical abre com um operário apoiando as quotas. Ele utiliza um argumento curioso que apela à consciência *economicista* dos operários: “Mas, companheiros, para vocês, 20.000 libras por mês, não valem nada? Considero a quota importante. Quando recebem 20.000 da quota, não é bom?” Logo adiante ele esclarece a posição: “Eu sou a favor da quota, mas revista pra ganharmos o máximo possível”.

Ora, este operário compõe, com certeza, a base social que garante a posição política da concertação propositiva de cariz classista que busca – naquele momento - ganhar dentro do sistema produtor de mercadorias mais participação nos lucros e resultados. Talvez não se coloque no horizonte político desta posição contingente a luta para além do capital. Esta é a posição política que marcou o sindicalismo e a política social-democrata no século XX. Nada contra a abolição da exploração da força de trabalho, desde que ganhemos maior parcela de riqueza material. Enfim, viva os “grilhões dourados” do assalariamento! Tais posições políticas aproveitam-se – muitas vezes, sem o saber - do *fetichismo da mercadoria*, para afirmar sua razoabilidade diante das posições extremistas de esquerda.

O dirigente sindical conduz a assembléia colocando duas propostas: abolição imediata da quota ou luta pela negociação da quota através de delegados, caso por caso. Apenas 12 operários apoiaram a abolição imediata da quota (esta é a base política dos estudantes radicalistas). O sindicalista, numa manobra de liderança, encaminha, logo a seguir, a orientação prática – o que fazer? Greve por tempo indeterminado ou ação articulada, com 2 horas diárias de greve. Esta última proposta é a proposta dos sindicatos unidos, que vence a assembléia. Indignado, um operário radicalista exclama: “Fascistas! A culpa é

## Curso de Extensão Universitária

### A Precariedade do Trabalho no Capitalismo Global

de vocês! Por causa da tal quota, eu adoeci! Vocês não pensam na umidade, nos gases, experimentem um pouco!”.

Talvez. os jovens operários demonstrem mais indignação contra o sistema de quotas. Muitos deles, pertencem a setores operários mais expostos à superexploração do capital – o que demonstra que a cisão ideológico-política do coletivo operário possui um lastro objetivo.

Lulu sentiu na pele – literalmente – o preço do “desamor” à máquina da produção. A perda do dedo lhe fez oscilar de uma posição política de apoio irrestrito às quotas a uma posição de contestação radical ao sistema de produção do capital. É a característica extrema da consciência de classe contingente. Percebe-se que o discurso vociferante do estudante radicalista, que com seu megafone, na porta da fábrica, expõe as contradições do capital, lhe subiu à cabeça. Faz referência várias vezes a ele. Sua indignação é mais um gesto visceral contra a exploração do capital, que uma posição política consciente das implicações de sua atitude extremista.

Diz Lulu: “Não sei como chama-los: senhores trabalhadores, operários, companheiros, não sei...O estudante lá fora disse que entramos aqui cedo, ainda escuro e saímos à noite, no escuro. Que vida é a nossa? Isso já é sabido. Agora eu digo: já que é assim, por que não dobramos a quota, heim?! Trabalharemos aos domingos, viremos a noite também...aliás, traremos mulheres e filhos também! As crianças trabalharão e as mulheres farão sanduíches Assim, trabalharemos sem parar, sem parar, por algumas míseras liras, até morrer. E assim, deste inferno, sem parar, passaremos direto ao outro inferno pois dá no mesmo!”.

O operário representante sindical na B.A.N. buscando desqualificar *ad hominem* o discurso de Lulu, pergunta a ele: “Diga onde estavas quando fundamos o sindicato aqui da fábrica, da B.A.N?”. Lulu responde: “Cumprindo a quota! Fazendo a política dos sindicatos, trabalhando pela produtividade. Pois agora vejam no que me tornei: um animal! Me tornei um animal!” E prossegue:



## Curso de Extensão Universitária

### A Precariedade do Trabalho no Capitalismo Global

“O estudante lá fora disse que eu...que nós somos como máquinas, entenderam? Sou uma máquina, sim, uma roldana; sou um parafuso...sou uma esteira de transmissão, uma bomba...e agora a bomba quebrou! Não funciona mais e não tem mais conserto!”.

Como os estudantes radicalistas de extrema esquerda, Lulu passa da *constatação crítico-objetiva da realidade perversa do capital* para uma proposta de *ação prático-imediata* - sem nenhuma *mediação político-concreta* capaz de apreender a efetividade dos resultados da ação . Diz ele, clamando: “Abandonem imediatamente o trabalho todos!”.

Ora, após a assembléia operária, Lulu se retira com os companheiros operários extremistas, abandonando, de imediato o local de trabalho. Mas eles são poucos. A ampla maioria do coletivo operário recusou a proposta extremista e decidiu seguir a orientação política dos sindicatos unidos. Fora da fábrica, os estudantes extremistas correm para verificar o apoio a suas orientações radicalistas. Lulu, sempre irreverente, goza deles. Diz: “Olha como correm os barbudos! Espera os operários...Que raça de merda os operários! Vão se divertir vocês, que têm dinheiro! Pra que esperam os operários?...Como correm!”.

Foram 12 os votos de apoio à proposta extremista, mas apenas 4 saem da fábrica. Alguns retornam, se borrando de medo. Um operário extremista que aderiu à proposta de Lulu, grita contra um operário fura-greve: “Vendidos! Fascistas!”, como se o mero xingamento com chavões políticos, contribuísse para a formação da consciência de classe daquele operário dissidente. Ora, os extremistas – ou radicalistas – não levam em consideração – e desprezam - uma mediação concreta crucial na luta de classe: *o grau de desenvolvimento da consciência de classe do operariado que – nas circunstâncias normais do metabolismo social do capital nas sociedades burguesas desenvolvidas tende a estar imerso na contingência da “classe” ou da classe em si*. Na verdade, o discurso radicalista tende a apelar – *in abstracto* - para uma virtualidade possível mas efetivamente inexistente: a consciência de classe “para si” dos

## Curso de Extensão Universitária

### A Precariedade do Trabalho no Capitalismo Global

operários da B.A.N., inclusive no sentido para-além-de-si (embora mantenha o caráter obreirista da radicalidade).

A paralisação operária de 2 horas na fábrica da B.A.N. assume dimensões de confronto entre operários e polícia na neve. O sindicalista observa: “Pra que tanta policia? É uma greve pacífica de 2 horas.” E alerta: “Companheiros, não aceitem provocações, nem da policia, nem dos extremistas.” Os estudantes de extrema esquerda aproveitam a oportunidade da mobilização de massa para convoca-los a lutar unidos contra a exploração patronal. “2 horas de paralisação não servem pra nada”. O confronto ocorre quando tentam impedir os dirigentes de entrarem na fábrica. O sindicalista diz: “Não é o momento de provocar o confronto”. Mas o estudante radicalista contesta: “Pra vocês nunca é o momento de enfrentar patrão e policia!”. Curiosamente, outro operário observa: “A assembléia não votou pela revolução!”.

Formam-se piquetes. Nesse momento, os sindicalistas adotam um discurso pedagógico classista: “Os piquetes são a força da classe operária. São expressão da disciplina de classe. Todos no piquete! Os fura-greves tem que bater com a cara na unidade sindical!”.

Num certo momento, o policial, numa atitude de desprezo pela movimentação grevista dos operários, diz para um dos dirigentes da B.A.N. que tenta entrar na fábrica em seu veículo: “É só uma greve de operários”. A paralisação operária de 2 horas sai do controle das lideranças sindicais. O confronto com a polícia e os atos de vandalismo contra veículos de dirigentes demonstram a perda de controle do movimento reivindicativo. A repressão policial e a correria na neve adquire conotação dramática de luta de classe decisiva – embora seja apenas um movimento reivindicativo de uma fábrica metalúrgica de médio porte.

Na cena de confronto na neve, entre operários grevistas e a polícia, diante da fábrica da B.A.N., toca-se, ao fundo, a musica-tema do filme – o mesma tema musical que toca quando os operários estão entrando na fábrica. Talvez a

## Curso de Extensão Universitária

### A Precariedade do Trabalho no Capitalismo Global

música-tema recorrente sugira que – *na linha de produção* ou na *greve* de viés corporativo - a classe operária tende a estar tão-somente imersa na *contingência do capital*.

No dia seguinte, a volta ao trabalho na fábrica da B.A.N. Os sindicalistas clamam para que os operários *não* aceitem provocações. Eles devem realizar outra assembléia para decidir o destino do movimento de luta contra as quotas. Os estudantes extremistas - sempre vociferando nos megafones – clamam contra os sindicatos. Lulu, o xodó dos engenheiros, não consegue entrar na fábrica. Recebe a carta de demissão. Foi a única vítima do movimento grevista. Ele grita: “Viram! Me mandaram embora. Primeiro, me jogaram debaixo do carro. Depois, me demitem! É comigo! Querem que eu morra! Façam greve, companheiros! Aonde vou? Pra onde vai um operário? Pra escola? Pro teatro? Pro cemitério? Pra casa da mãe? Pra onde?”.

Lulu pergunta onde está o pequeno barbudo, o estudante extremista. Dizem: “Tá na escola”. Depois Lulu irá saber que a assembléia rejeitou a proposta de greve e decidiu não desviar o foco das agitações – a questão é a quota e não a revolução. Diz o operário sindicalista: “Não se trata de se expor. E depois cada vez que fazemos greve não levamos dinheiro para casa.” Eis o pensamento sindicalista clássico que tende a desprezar a greve como escola da luta de classes e vê-la apenas no sentido da luta economicista. Lulu exclama, indignado: “Dinheiro, dinheiro...”. É o sistema do dinheiro – como sistema do capital - que prende patrões e operários.

Na entrada da fábrica da B.A.N., com seus megafones, os estudantes extremistas vociferam: “Não aceitem a chantagem dos sindicatos. Eles são os servos, os lacaios dos patrões. São reformistas! Respondam à violência patronal com a violência revolucionária, Sabotem a produção Rejeitem o trabalho!”

Este é o clássico discurso radicalista que tende a confundir a constatação objetiva verdadeira da perversidade do capital (sempre no plano da produção), com a adoção imediata – *sem mediações político-concretas mais densas*

## Curso de Extensão Universitária

### A Precariedade do Trabalho no Capitalismo Global

(principalmente no tocante a levar em consideração o grau de desenvolvimento da consciência de classe do coletivo operário dado) – de práticas imediatamente revolucionárias no sentido de confrontar o *poder estabelecido* do capital.

A *resistência do trabalho organizado* – no plano da classe “em-si” –pode assumir dimensões contingentes ou dimensões necessárias, isto é, pode ser caracterizado por indisposições individuais ou mobilizações coletivas de cariz sindical (ou político) contra as imposições gerenciais. O homem que trabalha é um ser que dá resposta. De imediato, os operários podem reagir – de forma espontânea - à gerência autocrática. O trabalho vivo tende a resistir a seu modo, mesmo de forma contingente, à loucura do trabalho; mas a resistência do trabalho assume uma dimensão necessária – no plano da classe em si - quando consegue dar um sentido coletivo – e organizado – à espontaneidade insubmissa do “em-si” da classe.

O *sindicalismo* é o movimento organizado – e portando com teleologia política - da classe que resiste à exploração do trabalho pelo capital na dimensão da produção. No filme ele aparece fracionado pela disputa política entre *oposição sindical de extrema esquerda* e *sindicatos operários* que divergem no encaminhando da luta operária de classe. Como salientamos, o fracionamento político (e ideológico) da resistência de classe é intrínseco ao movimento sindical que possui, dentro de si, diversas teleologias políticas.

# Curso de Extensão Universitária

## A Precariedade do Trabalho no Capitalismo Global

### Elementos da materialidade do trabalho assalariado

<b>Objetividade</b>
capital consumindo trabalho [produção];
trabalho consumindo vida [reprodução social])
[experiecia vivida]
<b>Subjetividade</b>
Resistências de “classe”/classe
(sindicalismo/partido)
consciência social/consciência critica/consciência de classe)
experiecia percebida/ experiecia compartilhada
[intersubjetividade]

A disputa política entre os sindicatos unidos e os estudantes extremistas é feita, principalmente, na porta da fábrica com discursos inflamados e palavras de ordem. Quando a B.A.N. suspendeu 6 operários, os sindicalistas exigem a imediata retirada das suspensões sob pena deles adotarem – unidos – posições mais duras. Os sindicalistas salientam a importância da unidade sindical contra a ofensiva patronal. De certo modo, criticam os estudantes extremistas por dividir o movimento operário, fragilizando a luta da categoria metalúrgica (os sindicalistas sempre se interrogam no filme: “Quem lhes paga?”, talvez sugerindo que, por trás daquela estrutura de agitação anti-sindical existe financiadores escusos).

## Curso de Extensão Universitária

### A Precariedade do Trabalho no Capitalismo Global

Por outro lado, os estudantes radicalistas clamam em seus megafones: “A violência patronal se reage com a violência operária.” E contra os sindicalistas, exclamam em coro: “Abaixo os servos dos patrões”. Por outro lado, os sindicalistas respondem com a palavra de ordem: “Unidade sindical”. Portanto, enquanto os extremistas atacam não apenas os patrões, mas também os que eles chamam de “servos de patrões”, que são os sindicalistas reformistas, desprezando assim, a dita “unidade sindical”. Para eles, pelo contrário, não se faz unidade e luta com lideranças sindicais e sindicatos reformistas.

De certo modo, o uso freqüente de megafones pelos agitadores extremistas e sindicalistas caricaturiza uma postura de ativismo político meramente discursiva. É uma agitação “mecânica” pouco efetiva – no sentido pedagógico-reflexivo - para a formação da consciência de classe necessária. No limite, elevam a massa à condição de classe em si. Num certo momento, Lulu incomodado pelo megafone, exclama: “Espere um pouco! Sempre com esta coisa nos ouvidos!”

A agitação política de sindicalistas e estudantes extremistas ocorrem cedo pela manhã. Logo no início do filme, vemos a massa de operários da B.A.N. entrando na fábrica às 8 horas da manhã, sob a intensidade do discurso dos estudantes radicalista. Dizem eles: “Hoje quando saírem já será noite a luz do dia não brilhará pra vocês. São 8 horas de quotas a serem cumpridas. Sairão cansados, vazios, pensando que ganharam o dia e no entanto foram roubados! Sim, roubados em 8 horas de suas vidas! Se com a quota ganham 10 liras a mais... Por cada 10 míseras liras a mais os patrões ganham 100.” (um operário sindicalista chega a exclamar: “Por que não vão estudar?”). E o discurso extremista, que desvela com argúcia crítica, a realidade dos operários explorados pelo capital, prossegue: “Operários, vocês estão entrando numa prisão. Depois de 8 horas de trabalho forçados sairão no escuro. Pra vocês hoje a luz do sol não brilhará.” E finaliza com uma programática política: “Operários, para minar a aliança de patrões e sindicatos, propomos a formação de comitês de base! A aliança revolucionário entre estudantes e operários! Operários”.

## Curso de Extensão Universitária

### A Precariedade do Trabalho no Capitalismo Global

O discurso sindicalista possui outra direção política. Por exemplo, numa cena do filme, o líder sindicalista salienta os principais pontos da plataforma sindical reformista. Diz ele: “Os 3 sindicatos unidos lutam contra os ritmos, pela saúde, por salários mais altos, por um tempo livre com sua mulher e filhos. Quando faziam mil peças recebiam 300 libras de quota. Agora produzem 3 mil com os novos ritmos e a quota permanece a mesma! Isso quer dizer que só a B.A.N se beneficiou, enquanto que, pra vocês, os preços aumentam! Tudo custa caro, só o trabalho extra é gratuito. A quota tem que aumentar! Mais peça, mais dinheiro! Menos peças, mais dinheiro, menos trabalho!”.

Para contrastar, logo a seguir, a liderança dos estudantes extremistas exclama: “Operários, imponham aos sindicatos uma plataforma revolucionária. A quota não deve ser negociada e sim abolida. A fábrica é uma prisão e da prisão se evade”.

O líder sindical logo responde indignado, dirigindo-se aos operários: “Mantenham os pés no chão. O nosso objetivo é a revisão da quota. Mostraremos aos patrões a nossa força, a voz de 3 sindicatos unidos”.

Ora, a política dos sindicatos unidos (FIM–*Federazione Italiana Metalmeccanici*;FIOM–*Federazione Impiegati Operai Metallurgici*; UIL–*Unione Italiana del Lavoro*) é a política da preservação da capacidade físico-espiritual da força de trabalho como mercadoria. Mantém-se no interior da ordem burguesa, não contestando a alienação/estranhamento intrínseca à relação-capital. A preocupação com a saúde dos trabalhadores assalariados implica apenas em reconhece-los como vendedor da mercadoria força de trabalho, buscando preserva-los como homens produtivos à disposição da acumulação de valor. De certo modo, o campo “saúde do trabalhador” possui um viés reformista, não questionado – inclusive no plano epistemológico - a própria condição estrutural da posição “trabalhador assalariado”. O que se coloca não é a problemática da “saúde do trabalhador”, mas sim, a “saúde do homem como ser genérico”.

## Curso de Extensão Universitária

### A Precariedade do Trabalho no Capitalismo Global

Da mesma forma, a reivindicação de tempo livre com sua mulher e filhos numa perspectiva reformista pode apenas significar tempo livre para consumo de mercadorias, na medida em que se reivindica, do mesmo modo, mais dinheiro.

Enfim, o filme “A classe operária vai ao paraíso” expõe, de certo modo, duas misérias da resistência operária – de um lado, o extremismo metafísico contra o capital (a posição dos estudantes de extrema-esquerda); e de outro, o reformismo taticista que – naquele momento histórico - embora capaz de articular – de forma mediada – ações táticas de resistência laboral à estratégia capitalista, deixava de lado a formação estratégica de luta contra o metabolismo social do capital.

Os sindicatos unidos conseguem, por meio da paralisação e negociação coletiva com os patrões da B.A.N., a readmissão de Massa e a revisão das quotas. Na entrada da fábrica, o líder sindical proclama a vitória dos sindicatos unidos. E exclama: “A luta continua. Controlem os tempos de trabalho!”.

Na verdade, eis o espírito do sindicalismo reformista no século XX: colocar barreiras à sanha do capital, buscando garantir um melhor preço para a venda da força de trabalho, além de garantir a preservação da base operária. Administra-se a classe “em-si” e “para-si”, preservando-a enquanto *classe diante do capital* (aliás, a idéia de classe do trabalho se constitui apenas – e tão-somente – em referencia antagônica ou não-antagônica ao capital). A condição de precariedade salarial é regulada, sindical e politicamente. A ideia do *controle negociado* – na empresa e na categoria assalariada, e por vezes, em plano nacional - estabelece o marco político do reformismo social-democrata.

Por outro lado, o discurso dos estudantes extremistas é um discurso abstrato em sua verdade candente. Explícita, é claro, a verdade da exploração do capital, mas não consegue traduzir-se numa prática cotidiana concreta capaz de lidar com problemas imediatos da categoria operária. Numa das últimas cenas de agitação operária no filme, dizem – reiteradamente – os estudantes



## Curso de Extensão Universitária

### A Precariedade do Trabalho no Capitalismo Global

extremistas: “Hoje, depois de 8 horas de trabalho forçados sairão, de novo, no escuro” (é interessante que, logo após a fala extremista, Lulu conversa – na multidão - com um operário que lhe pergunta se está mesmo contente por ter voltado à fábrica e Lulu diz: “Claro!”. Eis o fato concreto-particular – a readmissão de Lulu - que se contrapõe à “verdade abstrata”).

O barbudo prossegue: “Operários, rebelem-se! As vitórias de hoje não são obras dos sindicatos, mas sim do nosso espírito de luta! Lutemos unidos operários e estudantes. O vosso objetivo imediato é e será sempre Tudo e Já! Tudo e Já!”.

Mas a morfologia ideológica do discurso extremista pode ser verificado numa das cenas curiosas do filme – a ocupação do apartamento de Lulu pelos estudantes extremistas. Ao ocuparem o pequeno apartamento do operário Lulu, os estudantes extremistas foragidos da polícia, mostram outros aspectos da crítica sarcástica do esquerdismo infantil que transparece no filme “A classe operária vai ao paraíso”.

A presença de Lidia, mulher de Lulu, proletária assalariada de um salão de beleza, mulher simples que cultiva as ilusões do proletariado com sua consciência social contingente, abre um confronto abismal com o outro extremo da consciência social – estudantes radicalistas cujo esquerdismo teórico os faz perderem o sentido de realidade.

Num certo momento, Lulu observa para Lidia: “Tem que ouvir como falam. Não se entende nada”. Por outro lado, ela diz: “Você os trouxe para não ficar sozinho comigo”. O esquerdismo infantil dos estudantes faz com que eles percam o sentido de realidade – dizem: “Os revisionistas estão isolados”. Ora, eles é que estão isolados e não os sindicalistas reformistas. Noutro momento, mostram que seu *infantilismo de esquerda* é um culto metafísico da teoria como conjunto de verdades abstratas. Dizem: “A teoria é correta. O confronto gera união. Com um partido revolucionário o confronto seria decisivo.”

## Curso de Extensão Universitária

### A Precariedade do Trabalho no Capitalismo Global

O simplismo das colocações dos estudantes extremistas assusta Lidia que os confronta. Eles dizem: “Os operários estão prontos para o poder.” Mas Lidia os provoca: “Os operários...Aquele ali é um incapaz. Conheço bem os operários.” E prossegue, indignada: “Esse é o seu comunismo. Como farão depois? Quando estiverem em Roma no poder, o que farão? “.

Lidia os provoca naquilo que lhes falta – a *mediação politico-concreta*. Eles respondem: “Será o fim dos patrões.” Mas Lídia diz: “E você, sem os patrões, o que seria? Um morto de fome!”. E exclama: “Esse é o comunismo...”. E explicita em sua consciência ingênua, o preconceito democrata-cristão contra o comunismo considerado por ela como antípoda da liberdade. Diz ela: “Eu sou pela liberdade, entendeu? Eu gosto de casaco de pele, gosto mesmo. Ainda vou ter um porque eu trabalho. Eu mereço. Trabalho desde os 12 anos, entendeu?”

Incapazes de lidar com a realidade concreta, com suas densas e múltiplas contingências que, na maioria das vezes, resistem à nossa vontade política de mudança radical e imediata – “tudo e já”, como clamam os extremistas, os estudantes esquerdistas esbanjam em *teoria* como construto abstrato para explicar uma realidade recalcitrante aos seus ideais revolucionários Dizem eles sobre a atitude Lídia: “São contradições típicas desse tipo de família. O proletariado é explorado na fábrica, mas se modela pela televisão, mas imita o explorador.”

A questão decisiva não é a inverdade (ou não) da constatação sociológica, mas sim, como mudar essa realidade de alienação do proletariado. Incapazes de construir a contra-hegemonia cultural, os esquerdistas apenas vociferam contra proletários subsumidos à ideologia burguesa.

Novamente, na linha de explicitar a morfologia sócio-ideológica do extremismo de esquerda, Elio Petri, no filme , nos apresenta o diálogo entre Lulu, operário demitido, e o líder estudantil barbudo. Após ser demitido, Lulu se dirige à Faculdade ocupada onde está “barbudo”, líder dos estudantes de extrema-esquerda que fazem agitação na porta da fábrica da B.A.N. Consegu

## Curso de Extensão Universitária

### A Precariedade do Trabalho no Capitalismo Global

entrar no local que está ocupado por estudantes. Encontra “barbudo” deitado e dormindo. Diz que ele devia estar lá na porta da fábrica. Na verdade, Lulu esperava um apoio da liderança radicalista à luta contra a sua demissão. “Não podemos estar em todos os lugares. Somos poucos ainda. Faço o que posso.”, diz barbudo. Prossegue ele: “Tentamos expor as contradições para mudar esse sistema de vida.”

Mas Lulu só tem uma preocupação – está desempregado. Perdeu o emprego, seu meio de subsistência pessoal. O desemprego o projeta irremediavelmente no seu universo particularista. “Barbudo” observa: “Enquanto se obedece, não tem perigo. Uma vez consciente, te botam na rua. Você já devia saber disso. Não é uma novidade”. Lulu insiste em quere-lo na porta da fábrica. Mas o estudante repete: “Estamos divididos e somos poucos.”. Lulu se preocupa com sua subsistência Diz que tem que comer e não quer pedir esmolas.

Finalmente, o impasse que explicita uma postura ideológica do extremismo de esquerda – o desprezo pela dimensão da particularidade concreta, geralmente reduzida à universalidade abstrata da classe social. O estudante “barbudo” diz: “O teu caso é individual, pessoal. Não nos interessa. O nosso é um discurso de classes. Quer um discurso pessoal? Quer o meu? Olhe para minha cara! Tenho 30 anos. Estou acabado, hein! Fiz 3 exames. Tenho piorréia!”. Lula exclama: “E eu tive intoxicação”. E o “barbudo” reitera: “E eu piorréia!”. Lulu pergunta o que fazer agora. O líder estudantil oferece como opção a Lulu ficar com eles e, como está desempregado, se quiser, militar o dia inteiro”.

Piorréia, a doença do estudante barbudo de extrema-esquerda, é uma doença do periodonto, o tecido que envolve a raiz dos dentes. Causa sangramento, inflamação, dor. secreção e quando não tratada precocemente determina o amolecimento dos dentes e sua perda pela destruição do tecido de sustentação. Causa ainda intenso mau hálito e o tratamento e prevenção estaciona o processo mas não restitui os tecidos lesados. Ao imputar, no roteiro

## Curso de Extensão Universitária

### A Precariedade do Trabalho no Capitalismo Global

da narrativa do filme, o líder estudantil de extrema-esquerda acometido de piorrécia, talvez Elio Petri quisesse caracterizar seu mal-hálito como a metáfora da incapacidade contra-hegemônica do discurso verborrágico do líder radicalistas

Mais adiante, os companheiros sindicalistas visitam Lulu para informá-lo que assinaram o acordo de sua readmissão por meio de uma negociação coletiva com a empresa. “Conseguimos tudo...até a quota!”, diz o sindicalista. Afirma: “Esse é o resultado da união sindical. É a primeira vez que readmitem um operário demitido por questões políticas.” Ao contrário do velho operário Militina, que foi demitido no passado e não conseguiu ser readmitido, Lulu (e os sindicatos) conseguiram o intento inédito. Lulu pergunta por que ele conseguiu e Militina não conseguiu ser readmitido no passado. “Eram outros tempos”, diz o líder sindical – “hoje somos mais fortes, mais conscientes! Hoje nós intimidamos, Lulu! Nós intimidamos!”.

Antes da grande crise capitalista de meados da década de 1970, o sindicalismo europeu – com destaque para o sindicalismo italiano – tinha maior poder de barganha, tendo em vista que a reestruturação produtiva ainda não tinha corroído as bases de mobilização sindical. Por isso, o líder sindicalista contata que “hoje somos mais fortes, mais conscientes!”. E assevera: “Hoje nós intimidamos”.

De fato, naquela época, coletivos operários organizados colocavam obstáculos à sanha avassaladora do capital. Na verdade, a ofensiva do capital que ocorreu com o intenso processo de *reestruturação produtiva* a partir da década de 1970 nos principais países capitalistas avançados, visou criar condições objetivas (e subjetivas) para um novo processo de acumulação de capital por meio do desmonte da fortaleza (e consciência de classe) do trabalho organizado nos principais pólos da acumulação de valor. No começo da década de 1970 o sindicalismo operário organizado intimidava o capital nos países capitalistas europeus de larga tradição de luta operária (como a Itália, onde o

## Curso de Extensão Universitária

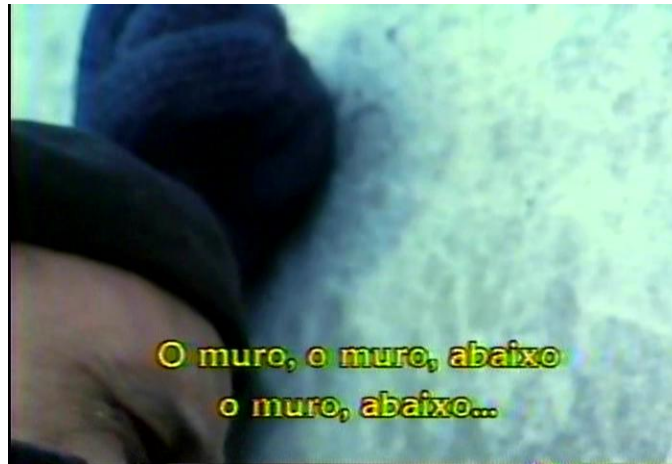
### A Precariedade do Trabalho no Capitalismo Global

Partido Comunista Italiana cresce a cada eleição), apesar dos limites visíveis na condução política da luta de classes

Na cena final do filme “A classe operária vai ao paraíso”, Elio Petri conclui a narrativa com um sonho enigmático de Lulu. É mais um recurso narrativo do freudismo de esquerda do cineasta italiano. Nesta cena, os operários estão na linha de produção, lado a lado. “Trabalhem escravos, trabalhem!”, grita Lulu, contente por estar de volta à fábrica. “Todos de castigo na linha de montagem, hein!”, exclama. “Que destino!”, diz ele. E Lulu relata o sonho. Diz que sonhou com um muro (talvez ele – inconscientemente – tenha rememorado o muro que Militina fez referência na sua última visita a ele, no hospício público). Diz Lulu: “Eu estava, eu estou morto, não? Estou morto...Estava morto e enterrado e encontrei o Militina. E aí o Militina disse, gritando: vamos quebrar tudo e vamos entrar! Quebramos tudo e tomamos o paraíso! O Paraíso do outro lado do muro...” E Lulu relata o que viu: “Uma visão impressionante! Tinha um com a cabeça aqui e o corpo a 10 metros...Uma coisa incrível...E todos contra o muro. E todos contra o muro...E o muro caiu! O muro caiu!”. Os operários perguntam: “O que tinha atrás do muro?”. Lulu disse: “Uma neblina...”. “Mas o que tinha na neblina?”, interroga outro operário. “A principio nada...depois, olhando bem vi o Militina; depois vi um servente, vi um cara sem dedo e disse: quem é aquele? Mas aquele sou eu!”, observou Lulu. Lulu disse que viu todos os seus companheiros de fábrica lá. “O que quer dizer?”, perguntam os operários. “Se se tem um muro para derrubar, derruba-se, não?”. Um exclama com ousadia: “Quero derrubar o muro”. Outro pergunta: “Por que tinha neblina no paraíso?”. E Lulu pondera: “O que importa?”.

# Curso de Extensão Universitária

## A Precariedade do Trabalho no Capitalismo Global



### **O muro de Militina**

Ora, o poder (e unidade) sindical fizeram Lulu sonhar com a queda do “muro” e a conquista do “paraíso” pela classe operária. Estava-se ainda sob os influxos das greves operárias de massa de 1969 na Itália. A luta de classes ganhava impulso sindical e político na Itália (é importante salientar que a reestruturação capitalista da década de 1970 – incluindo o processo de reestruturação produtiva e a ofensiva neoliberal - é não apenas um desdobramento à grande crise capitalista que estoura em 1973, mas uma reação radical à luta do trabalho assalariado organizado contra o capital). O velho Militani, em sua lúcida loucura almejava derrubar o muro, o muro da alienação que sufocava a classe do proletariado. Lulu – sonhando – reflete: “Se se tem um muro para derrubar, derruba-se, não?”.

O processo de derrubada do muro – ou construção do socialismo - é um processo de esforço coletivo pois Lulu viu não apenas ele, mas todos seus companheiros operários lá no paraíso. Mas o paraíso que encontram atrás do muro é cheio de neblina – talvez seja a metáfora do desconhecido que nos aguarda na construção de uma sociedade do trabalho para além do capital.

**Giovanni Alves**  
**2009**

# Curso de Extensão Universitária

## A Precariedade do Trabalho no Capitalismo Global

### **Questionamentos**

1. Quais as cenas do filme em que aparecem trabalhadores imigrantes?
2. Por que mulheres operárias não aparecem no filme exercendo atividade sindical ?
3. O muro que Militina quer derrubar é o mesmo muro que Lulu sonhou derrubar?